

www.revistanascente.com.br

Ano XXXI • Nº 186
Eint / Chesvan 5784 • Set / Nov 23

NASCENTE

Órgão de Divulgação da Congregação Mekor Haím

SHANÁ TOVÁ 5784!



Leiluy Nishmat

Edmond Khafif ben Mazal z"l

Moshê ben Shefia z"l

Nissim ben Emilie z"l

Raffaele ben Salha Picciotto z"l

Siahou Haim Dayan ben Adel z"l

Simon Alouan ben Guilsome z"l

Ester bat Sofi Shafia z"l

Renée Khafif bat Emily z"l

Shlime bat Feigue z"l





Shaná Tová!

Feliz 5784!

O **Rendimento** deseja a toda comunidade um ano bom, doce e com muita paz. Que sejamos todos inscritos no Livro da Vida.

Rendimento/pay

rendimentopay.com.br

@rendimentopay

Rendimento/

rendimento.com.br

@bancorendimento

COTAÇÃO
Rendimento/câmbio

cotacao.com.br

@cotacaocambio



Nº 186

Capa:

“Costumes nas Noites de Rosh Hashaná”.
Comemorando I, pág. 10.

Expediente

A revista *Nascente* é um órgão bimestral de divulgação da Congregação Mekor Haim.

Rua São Vicente de Paulo, 276
CEP 01229-010 - São Paulo - SP
Tel.: 11 3822-1416 / 3660-0400
Fax: 11 3660-0404

e-mail: revista_nascente@hotmail.com

SUPERVISÃO: Rabino Isaac Dichi

DIRETOR DE REDAÇÃO: Saul Menaged

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:
Ivo e Geni Koschland

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO: Equipe Nascente

EDITORA: Maguen Avraham

TIRAGEM: 9.500 exemplares

O conteúdo dos anúncios e os conceitos emitidos nos artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião da diretoria da Congregação Mekor Haim ou de seus associados.

Os produtos e estabelecimentos casher anunciados não são de responsabilidade da Revista *Nascente*. Cabe aos leitores indagar sobre a supervisão rabínica.

A *Nascente* contém termos sagrados.
Por favor, trate-a com respeito.

Páginas que necessitam de Guenizá estão assinaladas.

NASCENTE

Nesta Edição



44
Comemorando IV
“A Importância da Paz”.
Rabino I. Dichi



08
Dinheiro em Xeque
“No Elevador”.

10

Comemorando I
“Costumes das Noites de Rosh Hashaná”.
Rabino I. Dichi

12

Leis e Costumes I
“Orações de Rosh Hashaná e Asséret Yemê Teshuva”.
Rabino I. Dichi

20

Visão Judaica
“O Valor do Tempo”.
Rabino Yaakov Moshê Hielel

33

Ética dos Pais
“Pirkê Avot, Capítulo 1 Mishná 5”.
Rabino Ari Friedman



14

Jóias do Maguid
"Comemorações".



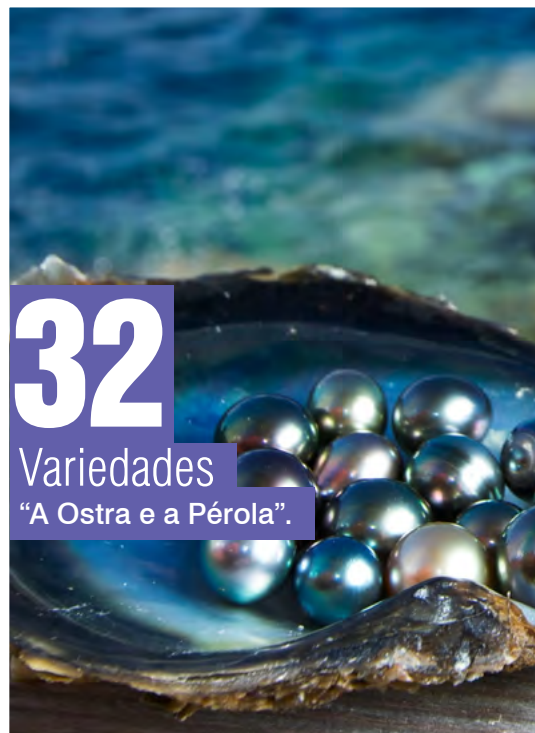
46

Infantil
"Um Etrog
Para Berditchev".



25

Comunidade
"Shaarei: Dezoito
Anos de Muitas Vidas!".
Esther C. Levenstein



32

Variedades
"A Ostra e a Pérola".

18

Comemorando II
"Rosh Hashaná que
Coincide com o
Shabat".
Rabino I. Dichi

54

Datas e Dados
"Datas e horários
judaicos, parashiyot
e háftarot para os
meses de Elul, Tishri
e Cheshvan".

49

Pensando
Bem
"Pensamentos".

30

Quem Sabe
Responde
"Um Desafio à
Sua Sabedoria".

36

Comportamento
"Nobres Condutas".
Rabino I. Dichi

39

Comemorando III
"Viduy de Yom Kipur".
Rabino I. Dichi

50

Passatempos
"Jogo dos Sete
Erros, Labirinto,
Para Colorir
e Agulha no
Palheiro".

O Talmud *Yerushálmi* nos conta a seguinte parábola: “Um camponês resolveu bater nos portões do palácio real. O próprio rei se levantou do trono para ir atendê-lo. Porém, até ele chegar, o camponês cansou-se de esperar, indo embora e perdendo sua grande chance.”

Ao orar a *Hashem* e bater os punhos nos corações em *Yom Kipur*, nós batemos nos portões dos Céus. O *Yom Kipur* chega ao fim, nós tocamos o *shofar*, *Hashem* vem abrir a porta e pode acontecer de não encontrar mais ninguém – se já tivermos nos “retirado”! Este é um dos motivos por que o *Yom Kipur* é logo seguido por *Sucot*. Demonstramos que os *Yamim Noraim* deixaram impressões fortes e queremos mais *mitsvot* – *sucá*, *lulav*, *hoshanot* – para colocarmos em prática nossas boas decisões.

E *Shemini Atsêret*? Muitos pensam que este *yom tov* é somente o fim de *Sucot*. No entanto, o *Talmud* o chama de “*rêguel bifnê atsmô*” – uma comemoração por si. Ele se sobressai dos outros *yamim tovim* porque não há uma *mitsvá* específica associada ao dia, nem comemora nenhum evento histórico. Em *Pêssach* comemoramos o Êxodo do Egito e comemos *matsá*; em *Shavuot* temos o estudo da *Torá*; em *Rosh Hashaná*, o *shofar*; em *Yom Kipur*, o jejum; em *Sucot* temos a *sucá* e o *lulav*.

Há um *midrash* que compara *Shemini Atsêret* a um banquete particular com o Rei. Para entendermos o que isso significa, imaginemos um jovem em idade de se casar. É-lhe feita uma proposta; os pais procuram conhecer a família da moça e, ao perceber boas expectativas, marca-se o primeiro encontro. O casal sai para passear e conversar. Se o encontro for agradável, eles decidem sair mais algumas vezes, até sentirem-se seguros de que desejam se casar. Após três ou quatro meses de preparativos vem o casamento, as festividades com *sheva berachot*. Mais alguns meses para arrumar a casa e conhecer todos os parentes. Finalmente, quando toda

a agitação termina, eles se sentam para jantar, somente os dois. Qual o sentimento mútuo então?

Passeios e programas podem gerar conversações e consolidar uma relação. Mas se, depois disso, as partes não forem capazes de simplesmente sentar e apreciar a companhia uma da outra, então não há uma relação forte que as une.

Na *Torá*, o *yom tov* é chamado de “*moed*” – encontro, reunião. *Moadim* são épocas nas quais nos encontramos com *Hashem*, de preferência no *Bêt Hamicdash*, mas se não, onde quer que seja. Nesses encontros revigoramos nossas forças espirituais e conversamos sobre tudo o que nos ocorreu nos “velhos tempos”. Contamos a história do Êxodo do Egito, lemos os Dez Mandamentos, tocamos o *shofar* e dizemos “*hayom harat olam*” – hoje é o aniversário do mundo. Nós sentamos na *Sucá* e lembramos da viagem pelo deserto sob a proteção Divina. Finalmente, após o ciclo completo de *yamim tovim*, *Hashem* nos diz: “Nós tivemos um ano maravilhoso! Fizemos tantas coisas! Revivemos tanto o nosso passado! Agora, venham! Vamos ter um dia no qual não faremos nada de especial, nem teremos de comemorar algo do passado. Que seja um dia no qual nós somente ficaremos juntos, deliciando-nos com a companhia mútua!”

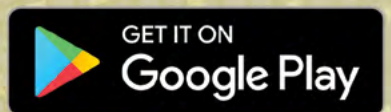
Shemini Atsêret é um verdadeiro teste da nossa relação com D’us. É um dia propício para fazer uma pausa e, em vez de realizar algo especial, saborear a alegria de viver. Pense como é bom estar vivo e reconheça que tudo na vida é um presente de *Hashem*. Durante a semana, estamos muito ocupados com nosso trabalho e, nas demais festas, estamos ocupados com as *mitsvot* específicas do dia. *Shemini Atsêret* nos diz: “*Atsor!*” – Pare! Aprecie a feliz relação que temos com *Hashem*! Este é o melhor preparativo para merecermos mais e mais bênçãos, espirituais e materiais, esperando pela fartura destinada a todos nós que compartilhamos do amor infinito de D’us. ■

APPS ANDROID

Aplicativos para celular desenvolvidos pela equipe Ôhel Moshê



Acesse a Play Store e baixe os apps gratuitamente!





No Elevador

Todas as dúvidas e divergências monetárias de nossos dias podem ser encontradas em nossos livros sagrados!

Efráyim precisava bater o ponto até as 9h00m no escritório onde trabalhava diariamente para não ser descontado em seu salário.

Ele chegou ao edifício onde se localizava o escritório no qual trabalhava e ficou aguardando pelo elevador no térreo junto com outras pessoas.

Eram 8h58m da manhã.

Quando o elevador chegou, seis pessoas entraram no elevador antes dele, completando a lotação máxima permitida. Como Efráyim

estava com muita pressa, resolveu entrar também, excedendo o limite de passageiros do elevador.

O elevador começou a subir e... quebrou no meio do trajeto, devido ao excesso de peso.

Quem deve pagar pelo conserto?

Efráyim, que foi o último a entrar?

Todos os passageiros, já que foram coniventes? Cada um dos presentes deveria ter saído ao ver que o limite de pessoas fora ultrapassado!

A pessoa que apertou o botão, fazendo

com que o elevador subisse e funcionasse com excesso de peso?

O veredicto

Aprendemos no *Shulchan Aruch* (Chôshen Mishpat 381, 1) que, num caso em que cinco pessoas sentam-se ao mesmo tempo num banco e este se quebra, estão todos obrigados a pagar.

Porém, se a quinta pessoa sentou após as outras e, independente dela, o banco iria quebrar da mesma forma, então ela está isenta de pagar.

Contudo, se a quinta pessoa sentou após as outras, e o banco quebrou somente devido à chegada dela, então ela tem que pagar sozinha.

No nosso caso, Efráyim foi o último a entrar. Mas o elevador não quebrou quando ele entrou. Quebrou quando estava subindo, tentando funcionar com excesso de peso.

Hipótese 1

No mesmo instante que Efráyim entrou, uma outra pessoa chamou o elevador de um outro andar. Esta pessoa não sabia que o peso no elevador havia excedido sua capacidade máxima. E o elevador quebrou ao tentar funcionar com excesso de peso.

Neste caso, Efráyim está obrigado a pagar. Nestas circunstâncias,

Efráyim foi a única pessoa a causar o dano. Ele deveria ter levado em conta que alguém poderia chamar o elevador assim que ele entrasse, sem dar tempo para que os outros ocupantes saíssem.

Hipótese 2

Ninguém chamou o elevador de algum outro andar. Foi um dos ocupantes do elevador que apertou o botão, fazendo com que o elevador subisse.

Neste caso, quem apertou o botão está obrigado a pagar.

Mesmo que tenha sido um dos primeiros a entrar, ainda assim, quem apertou o botão tem que pagar, pois foi ele quem causou o dano ao apertar o botão e fazer o elevador funcionar com excesso de peso e quebrar.

Do semanário “Guefilte-mail”

(guefiltemail@gmail.com).

Traduzido de aula ministrada pelo Rav

Hagaon Yitschac Zilberstein Shelita

Os esclarecimentos dos casos estudados no *Shulchan Aruch Chôshen Mishpat* são facilmente mal-entendidos. Qualquer detalhe omitido ou acrescentado pode alterar a sentença para o outro extremo.

Estas respostas não devem ser utilizadas na prática sem o parecer de um rabino com grande experiência no assunto.

iofi

Sorvetes

Milk shakes

Panini

עבר ב-supervisão do
Rabino Shamai Ente Site

97721-1119
R. S. Vicente de Paulo, 601

LAZKANI STERENFELD
Advogados Associados

שנה טובה ומתוקה

Assessoria Jurídica
Civil, Consumidor e Direito à Saúde
Tel (21)97172-5575

Mash.

Shaná tová umtucá para
toda a comunidade

Jovem Universitário Brasileiro

Aplique pelo site:
www.weducate.com.br

Você é dedicado e comprometido com seus estudos?
As bolsas de estudos do WEducate para cursinhos e faculdades são para você!

WEducate
create your future

Costumes das Refeições nas Noites de Rosh Hashaná

Após o Kidush, nas noites de Rosh Hashaná, costuma-se comer alimentos que, pelos seus nomes, parecem ser um bom sinal para o ano que se inicia. Cada um deve fazer conforme o costume de sua casa. Para não incorrer no erro da superstição, nossos sábios instituíram sobre estes alimentos pedidos que invocam o perdão e o arrependimento.

Após recitar o Kidush, bebe-se o vinho sentado (no mínimo 45ml). Em seguida faz-se Netilat Yadayim (lava-se as mãos com uma caneca, vertendo água três vezes em cada mão) e antes de enxugá-las faz-se a berachá:

Baruch Atá Ad*nai El*hênu Mêlech
haolam asher kideshánu bemitsvotav
vetsivánu al netilat yadaim.

ברוך אתה ה' אלהינו מלך העולם אשר
קדשנו במצותיו וצונו על נטילת ידים:

Bendito és Tu, Eterno, nosso D'us, Rei do Universo, Que nos santificou com Seus mandamentos e nos ordenou sobre o lavar das mãos.

Segura-se os dois pães e recita-se:

Baruch Atá Ad*nai El*hênu Mêlech
haolam hamotsi lêchem min haárets.

ברוך אתה ה' אלהינו מלך העולם
המוציא לחם מן הארץ:

Bendito és Tu, Eterno, nosso D'us, Rei do Universo, Que criou o pão da terra.

Apesar de a bênção de *Hamotsi* já ter sido recitada sobre o pão, deve-se dizer a bênção apropriada para os frutos da árvore antes de comer o primeiro deles. Com relação aos frutos da terra, é correto comê-los com um pedaço de pão, sem fazer a *berachá*.

A ordem das comidas a serem ingeridas antes da refeição propriamente dita, segundo recomendação do Ben Ish Chay (costume *sefaradi*), é a seguinte: tâmara, feijão-de-corda, alho-poró, acelga, abóbora, romã, maçã e cabeça de carneiro. O procedimento é o seguinte (para *sefaradim*):

Após recitar a berachá de Hamotsi e comer um pedaço de pão, faz-se a bênção de Borê Peri Haêts antes de comer uma fruta da árvore, como por exemplo, uma tâmara:

Baruch Atá Ad*nai El*hênu Mêlech
haolam borê peri haêts.

ברוך אתה ה' אלהינו מלך העולם
בורא פרי העץ:

Bendito és Tu, *Hashem*, nosso D'us, Rei do Universo, Que criou o fruto da árvore.

Come-se a tâmara.

Pega-se, em seguida, uma segunda tâmara e antes de ingeri-la se diz:

Yehi ratson Milefanêcha Ad*nai El*hênu
Vel*hê avotênu, sheyitámu oyevênu
vessoneênu vechol mevacshê raatênu.

יהי רצון מלפניך ה' אלהינו ואליהי
אבותינו. שיתמו אויבינו ושונאינו וכל
מבקשי רעתנו:

Que seja a Tua vontade, *Hashem* nosso D'us e D'us de nossos pais, que sejam exterminados os nossos inimigos, aqueles que nos odeiam e todos aqueles que querem o nosso mal.

Isto porque *tamar* (tâmara) lembra o *shôresh* (radical) “*tám*” (exterminar).

Pega-se um pouco de feijão de corda (e um pedaço de pão) e antes de comer se diz:

Yehi ratson Milefanêcha Ad*nai El*hênu
Vel*hê avotênu, sheyirbu zachiyotênu
utlabevênu.

יְהִי רָצוֹן מִלְּפָנֶיךָ ה' אֱ-לֹהֵינוּ וְא-לֹהֵי
אֲבוֹתֵינוּ. שְׂיִרְבוּ זְכוּתֵינוּ וְחֻלְבָּנוּ:

Que seja a Tua vontade, *Hashem* nosso
D'us e D'us de nossos pais, que as nossas
virtudes e os nossos méritos umentem.

Isto porque *rubia* (feijão de corda) lembra o *shôresh* (radical) “*ravá*” (aumentar).

Pega-se a omelete de alho-poró (e um pedaço de pão) e antes de comer se diz:

Yehi ratson Milefanêcha Ad*nai El*hênu
Vel*hê avotênu, sheyicaretu oyevênu
vessoneênu vechol mevacshê raatênu.

יְהִי רָצוֹן מִלְּפָנֶיךָ ה' אֱ-לֹהֵינוּ וְא-לֹהֵי
אֲבוֹתֵינוּ. שְׂיִכָּרְתוּ אוֹיְבֵינוּ וְשׁוֹנְאֵינוּ וְכָל
מְבַקְשֵׁי רַעֲתָנוּ:

Que seja a Tua vontade, *Hashem* nosso
D'us e D'us de nossos pais, que sejam
eliminados os nossos inimigos, aqueles
que nos odeiam e todos aqueles que
querem o nosso mal.

Isto porque *carti* (alho-poró) lembra o *shôresh* (radical) “*carat*” (eliminar).

Pega-se (um pedaço de pão e) a omelete de acelga (bem verificada de vermes) e antes de comer se diz:

Yehi ratson Milefanêcha Ad*nai El*hênu
Vel*hê avotênu, sheyistalecu oyevênu
vessoneênu vechol mevacshê raatênu.

יְהִי רָצוֹן מִלְּפָנֶיךָ ה' אֱ-לֹהֵינוּ וְא-לֹהֵי
אֲבוֹתֵינוּ. שְׂיִסְתַּלְקוּ אוֹיְבֵינוּ וְשׁוֹנְאֵינוּ
וְכָל מְבַקְשֵׁי רַעֲתָנוּ:

Que seja a Tua vontade, *Hashem* nosso
D'us e D'us de nossos pais, que sejam
afastados os nossos inimigos, aqueles
que nos odeiam e todos aqueles que que-
rem o nosso mal.

Isto porque *silcá* (acelga) lembra o *shôresh* (radical) “*silec*” (afastar).

Pega-se o doce de abóbora (e um pedaço de pão) e antes de comer se diz:

Yehi ratson Milefanêcha Ad*nai El*hênu
Vel*hê avotênu, sheticrá roa guezar
dinênu, veyicareú lefanêcha zachiyotênu.

יְהִי רָצוֹן מִלְּפָנֶיךָ ה' אֱ-לֹהֵינוּ וְא-לֹהֵי
אֲבוֹתֵינוּ. שְׂתִקְרַע רֹעַ גֵּזֶר דִּינֵנוּ. וְיִקְרָאוּ
לְפָנֶיךָ זְכוּתֵינוּ:

Que seja a Tua vontade, *Hashem* nosso
D'us e D'us de nossos pais, que se anu-
lem todos os maus decretos decididos
para nós e que sejam lidos nossos méri-
tos perante o Senhor.

Isto porque *cara* (abóbora) lembra o *shôresh* (radical) “*cará*” (anular).

Pega-se a romã e antes de comer se diz:

Yehi ratson Milefanêcha Ad*nai El*hênu
Vel*hê avotênu, shenihyê meleim mitsvot
carimon.

יְהִי רָצוֹן מִלְּפָנֶיךָ ה' אֱ-לֹהֵינוּ וְא-לֹהֵי
אֲבוֹתֵינוּ. שְׂנִהְיֶה מִצְוֹת כְּרִימוֹן:

Que seja a Tua vontade, *Hashem* nosso
D'us e D'us de nossos pais, que sejamos
abençoados de *mitsvot* da mesma forma
que a romã é repleta de grãos.

Pega-se a maçã embebida no mel ou açúcar e antes de comer se diz:

Yehi ratson Milefanêcha Ad*nai El*hênu
Vel*hê avotênu, shetichadesh alênu
shaná tová umtucá.

יְהִי רָצוֹן מִלְּפָנֶיךָ ה' אֱ-לֹהֵינוּ וְא-לֹהֵי
אֲבוֹתֵינוּ. שְׂתִחַדְדֵשׁ עֲלֵינוּ שְׁנֵה טוֹבָה
וּמְתוּקָה:

Que seja a Tua vontade, *Hashem* nosso
D'us e D'us de nossos pais, que tenha-
mos um ano bom e doce.

Pega-se a cabeça de cordeiro (ou na falta, de peixe ou frango) e antes de comer se diz:

Yehi ratson Milefanêcha ad*nai El*hênu
Vel*hê avotênu, shenihyê lerosh velô
lezanav, vetizcor lánu (akedatô ve) elô
shel Yitschac Avinu alav hashalom, ben
Avraham Avinu alav hashalom.

יְהִי רָצוֹן מִלְּפָנֶיךָ ה' אֱ-לֹהֵינוּ וְא-לֹהֵי
אֲבוֹתֵינוּ. שְׂנִהְיֶה לְרֹאשׁ וְלֹא לְזָנָב:

Que seja a Tua vontade, *Hashem* nosso
D'us e D'us de nossos pais, que sejamos
colocados na cabeça e não na cauda
(lembrar do cordeiro sacrificado no lugar
de Yitschac).

Já os ashkenazim têm o costume de consumir as seguintes comidas: *tapúach* (maçã), *guêzer* (cenoura), *rimon* (romã), *dag* (peixe) e *rosh dag* (cabeça de peixe). E há aqueles que viveram em *Êrets Yisrael* que têm o costume de usar também *carti* (alho-poró), *silcá* (acelga), *tamar* (tâmara) e *cara* (abóbora) conforme o *sêder* impresso no *sidur* Minchat Yerushalayim.

Obs.: Nos textos transliterados, onde houver asterisco, substituir pela letra “o”.

Orações de Rosh Hashaná e Assêret Yemê Teshuva

Rabino I. Dichi

Amidot de Assêret Yemê Teshuvá

1) Nos dez dias (de *Rosh Hashaná* até *Yom Kipur*) denominados *Assêret Yemê Teshuvá*, acrescentamos ou trocamos alguns trechos nas três *Amidot* diárias, no *Mussaf* de *Rosh Hashaná*, no *Mussaf* de *Shabat* e no *Mussaf* de *Yom Kipur*:

a) Acrescentamos *zochrênu lechayim Mêlech chafets bachayim...*, antes de *Mêlech Ozer Umoshia umaguen*. Ao dizer *zochrênu lechayim* deve-se ter em mente atrair vida para a *neshamá*. Ao dizer *cotvênu bessêfer chayim* deve-se ter em mente atrair vida para o corpo.

b) Acrescentamos *mi Chamocha Av Harachaman* (ou *Harachamim*)..., antes de *veneeman Atá lehachayot metim*.

c) Na *berachá* de *Atá Cadosh*, em vez de concluir com *Hael Hacadosh*, trocamos para *Hamêlech Hacadosh*.

d) Na *berachá* de *Hashíva Shofetênu*, em vez de concluir com *Mêlech ohev tsedacá umishpat*, trocamos para *Hamêlech hamishpat*.

e) Acrescentamos *uchtov lechayim tovim...*, antes de *vihalelu vivarechu* (*ashkenazim*: antes de *vechol hachayim*).

f) Acrescentamos *uvshêfer* (*ashkenazim*: *bessêfer*) *chayim berachá veshalom...*, na *berachá* de *Sim Shalom*, antes de *Baruch... Hamevarech et amô...*

g) No final da *Amidá* e no final do *Cadish* (para os *sefaradim* somente do *Cadish Titcabal* em *Shacharit* e *Minchá*, após a *Chazará*, e no *Cadish Titcabal* de *Arvit* de sexta feira) fala-se *Ossê Hashalom* em vez de *Ossê Shalom*.

2) As alíneas a, b, e, f e g do item anterior seguem a mesma regra no caso de esquecimento total: não é preciso repetir a *Amidá*. Mas se o indivíduo perceber antes de proferir *Hashem* da bênção posterior, voltará para falar a frase.

Por exemplo, se disse: *Mêlech ozer umoshia umaguen, baruch Atá* e nesse momento lembrou que não disse *zochrênu lechayim*, voltará para *zochrênu lechayim* e continuará com *Mêlech ozer...*

3) Se não disser *zochrênu lechayim* no lugar correto, poderá dizê-lo em “*Shemá Colênu*” antes de *ki atá shomea tefilat col pê*, ou antes de dar os três passos para trás no término da *Amidá*. No *Shabat* e em *Rosh Hashaná* poderá dizê-lo antes de dar os três passos do término da *Amidá*.

Mas se não disser “*Mi Chamocha Av Harachaman*” no devido lugar não o inserirá em nenhuma parte da *tefilá*.

No caso de “*uchtov lechayim tovim*” e “*uvshêfer* (*ashkenazim*: *bessêfer*) *chayim*” se não recitar no lugar certo, dirá antes de dar os três passos para trás.

4) Com relação à alínea c do item 1, caso tenha esquecido de dizer *Hamêlech Hacadosh* e lembrou-se imediatamente (*toch kedê dibur* – o intervalo de tempo que leva para se dizer três palavras) após ter dito *Hael Hacadosh*, corrigirá dizendo *Hamêlech Hacadosh*. Se já disse *atá* (de *Atá Chonen*) ou se demorou um pouco (mais do que *toch kedê dibur*) para perceber ou se lembrar em qualquer lugar daqui para frente, voltará ao início da *Amidá*.

Esta regra se aplica também para alguém que esteja em dúvida se disse ou não *Hamêlech Hacadosh*. Porém, veja no item 9 que a *hala-*

chá é diferente para os dias de *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur*.

5) Se no início da *Amidá* tinha intenção clara de dizer *Hamêlech Hacadosh*, porém depois ficar na dúvida, não será necessário repetir a *Amidá*.

Se no início da *Amidá* não tinha intenção clara de dizer *Hamêlech Hacadosh*:

a) Se a dúvida surgir quando ainda estiver recitando a *Amidá*, deverá repetir a *Amidá*.

b) Caso a dúvida sobrevenha após a *tefilá*, não será necessário repetir a *Amidá*.

6) Com relação à alínea d do item 1, caso tenha esquecido de dizer *Hamêlech Hamishpat* e percebeu logo, deverá corrigir imediatamente (*toch kedê dibur* – o intervalo de tempo que leva para se pronunciar três palavras) dizendo *Hamêlech Hamishpat*.

Se lembrar após ter começado a bênção seguinte:

Ashkenazim – Seguem em frente.

Sefaradim (há opiniões divergentes):

Há os que procedem como os *ashkenazim* e não voltam.

Há os que procedem como o *Bêl Yossef* e retomam do início da *berachá* de *Hashíva Shofetênu*.

Tudo indica que o costume dos *sefaradim* é de não retomar, seguindo a regra de “*safek berachot lehakel*” – de que não se recita uma *berachá* em situações de incerteza.

Meên Sheva de Shabat Teshuvá

7) Na *berachá* de *Meên Sheva* do *Arvit* de *Shabat (Te)shuvá*, o *chazan* dirá *Hamêlech Hacadosh* em vez de *Hael Hacadosh*.

No caso de esquecimento, se lembrar antes de falar *Hashem* de *baruch Atá Hashem mecadesh Hashabat*, voltará para *Hamêlech Hacadosh*. Se esquecer totalmente de dizer, não será necessário repetir.

Amidot de Rosh Hashaná e Yom Kipur

8) Em *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur*, na terceira *berachá* da *Amidá* (*Hamêlech Hacadosh*), acrescentam-se os parágrafos que iniciam com “*uvchen*”. Caso tenha concluído *baruch Atá Hashem Hamêlech Hacadosh* sem acrescentar estes parágrafos, não deverá repetir e dará sequência de *Atá Vechartánu* em diante.

9) Se nas *amidot* de *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur* disse *Uvchen Ten...* e está em dúvida se terminou *Hael Hacadosh* ou *Hamêlech Hacadosh*, não deverá repetir a *Amidá*, mas sim, continuá-la normalmente.

No caso de dúvida se recitou *Hamêlech Hacadosh*, a *halachá* é diferente nos sete dias entre *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur* – pois repete-se a *Amidá*. Vide item 4.

Shir Hamaalot Mimaamakim

10) No *nússach* dos *sefaradim* – comunidades orientais – e no *nússach sefarad* (Europa Oriental: Polônia, Rússia, Romênia) acrescenta-se nos *Assêret Yemê Teshuvá*, depois de *Yishtabach* (antes do *Cadish*), o capítulo 130 do *Tehilim* “*Shir Hamaalot Mimaamakim Keraticha Hashem*”. No caso de esquecimento, poderá recitar este capítulo após “*Alênu Leshabêach*”.

No *nússach ashkenaz* – Europa Central (Alemanha e França), Lituânia e Hungria – há aqueles que não acrescentam este *mizmor para* não fazer *hefsek* (interrupção), há aqueles que recitam depois de *Yishtabach* e há aqueles que o recitam depois da *Amidá*, antes de *Avínu Malkênu* (vide *Mishná Berurá*, capítulo 54 item 4).

Hashem Hu Haelokim

11) Durante os *Assêret Yemê Teshuvá*, antes de *Hashem Mêlech*, os *sefaradim* costumam recitar duas vezes o versículo *Hashem Hu Haelokim*, *Ha-*

shem Hu Haelokim.

1) Durante os *Assêret Yemê Teshuvá* (depois da *Amidá* de *Shacharit* e *Minchá*) se diz *Avínu Malkênu*.

Sefaradim

2) Os *sefaradim* costumam dizer *Avínu Malkênu* todos os dias de *Assêret Yemê Teshuvá*.

Recitam-no inclusive no *Shabat* e nos seguintes dias: *Rosh Hashaná*, *Minchá* de *Êrev Shabat Teshuvá*, *Shabat Teshuvá*, *Êrev Yom Kipur* (*Shacharit* e *Minchá*) e *Yom Kipur*. Nestes dias, porém, não se recita os trechos de *Avínu Malkênu* que contêm termos alusivos a pecados, que são:

Avínu Malkênu chatánu lefanêcha.

Avínu Malkênu mechol uslach lechol avonotênu.

Avínu Malkênu mechok bera-chamêcha harabim col shitrê chovotênu.

Avínu Malkênu mechê vhaaaver pesháenu minêged enêcha.

No *Yom Kipur*, mesmo quando coincide com o *Shabat*, não se omitem os trechos alusivos a pecados.

Ashkenazim

Os *ashkenazim* não dirão *Avínu Malkênu* nos seguintes dias:

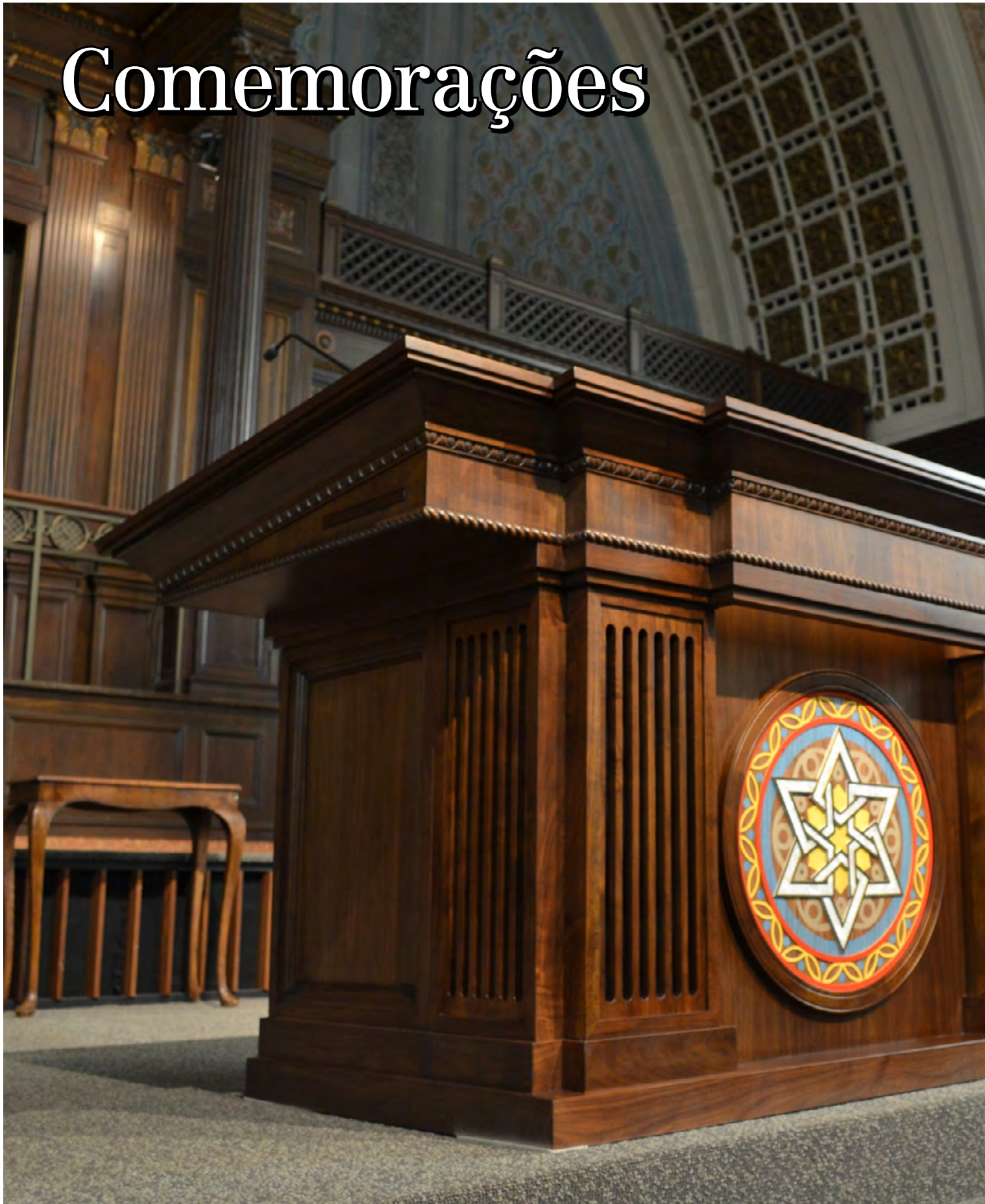
a) Em *Rosh Hashaná* se coincidir com o *Shabat*. Mas se cair durante a semana, os *ashkenazim* devem dizer o *Avínu Malkênu* na íntegra, mesmo os trechos que contêm termos alusivos a pecados. Contudo, não costumam bater com o punho sobre o coração mesmo no segundo dia de *Rosh Hashaná*.

b) Em *Minchá* da véspera de *Shabat Teshuvá*.

c) Em *Shabat Teshuvá*.

d) No *Êrev Yom Kipur* (*Shacharit* e *Minchá*). No caso de *Yom Kipur* coincidir com o *Shabat*, entretanto, fala-se *Avínu Malkênu* na sexta-feira na oração de *Shacharit*, porém não em *Minchá*. ■

Comemorações





O Maguid de Jerusalém, Rav Shalom Shvadron zt”l, foi um dos maiores oradores da nossa geração. Possuidor de um dom singular para transmitir o doce sabor dos caminhos judaicos, reuniu inúmeras plateias durante dezenas de anos.



Seu vultoso repertório de histórias verídicas é composto por incontáveis pérolas do patrimônio judaico, motivo de inspiração e encorajamento. Leia, a seguir, uma das

JÓIAS DO MAGUID

A história a seguir aconteceu com o senhor David Stein, da cidade de Stanford, Connecticut, nos Estados Unidos. Quando o senhor Stein conheceu Chavi e Michael Levy, logo percebeu que ele e sua família teriam muito a aprender daquele casal “sui generis”. Entretanto, não imaginava que, por causa disso, ouviria o rabino da sinagoga dizer-lhe: “David, você e seu amigo presenciaram um milagre hoje de manhã!”

Quando percebi que o livro “Around The Maggid’s Table” estava completo, decidi fazer uma “seudá hodaá”, uma refeição festiva para agradecer a D’us por ter me dado a oportunidade de terminar este trabalho. Desejando festejar a ocasião com todos os que me ajudaram a escrever o livro, convidei o pessoal da editora Artsroll para a comemoração, bem como os amigos que revisaram e comentaram cada uma das histórias e parábolas.

Minha mãe, Sra. Hindy Krohn, também tinha acabado de escrever um livro de sua autoria, chamado “The Way It Was”, publicado pela mesma editora.

No livro, ela descrevia os anos que passou na Filadélfia. Conteí a ela sobre a seudá que eu estava organizando. Então minha mãe perguntou se ela e aqueles que a ajudaram a publicar seu livro poderiam se reunir na mesma ocasião e comemorar o término da sua publicação também. Naturalmente eu concordei com a ideia.

Entre outros convidados da minha mãe, estava a sua editora, uma senhora chamada Chavi Willig Levy. Chavi tinha publicado muitos livros, editado grandes trabalhos e gerenciado sua própria firma de consultoria de comunicação. O que tornava o trabalho de Chavi extraordinário era que, desde criança, ela contraíra poliomelite, o que deixou seus músculos paralisados, tanto dos braços quanto das pernas. Por causa dessa imobilidade, ela utilizava uma cadeira de rodas para se locomover.

Poucas pessoas imaginavam que Chavi poderia um dia se casar. Entretanto, nossos sábios (*Bereshit Rabá 68:4*) escrevem: *Hacadosh Baruch Hu yoshev umzaveg zivuguim* – O Todo-Poderoso se ocupa de juntar casais. Assim, fazia parte dos planos Divinos que, em 1982, Chavi, com sua cadeira de rodas e tudo, conhecesse um jovem chamado Michael Levy. Além de seus muitos talentos, Michael possuía uma simpatia especial por pessoas que enfrentavam dificuldades na vida, porque ele também vivia desta forma – Michael era cego.

Independentemente do que a vida tinha preparado para eles, Michael e Chavi descobriram que compartilhavam interesses em comum. Os dois eram completamente comprometidos com o judaísmo, tinham uma profunda apreciação por música e por palavras. Eles se casaram e, no final de seis longos anos, tiveram a primeira filha, uma menina chamada Tehila.

Observar a forma com que Chavi e Michael compensavam suas deficiências físicas era inspirador. Com grande sensibilidade eles graciosamente se complementavam e se apoiavam mutuamente. Todos os que se encontravam na presença deles ficavam emocionados e surpresos.

Na nossa comemoração estava também um amigo meu chamado David Stein, da cidade de Stanford, Connecticut, e sua esposa. David passara incontáveis horas nos últimos dois anos ajudando-me com suas opiniões sobre as histórias contidas no livro. Como muitos outros naquela ocasião, era a primeira vez que David e sua esposa se encontravam com o casal Levy.

Eles ficaram impressionados ao notar como os dois se davam tão bem. David não podia ajudar, mas ficou surpreso com o jeito que Michael segurava sua pequena filha Tehila, pois para Chavi era difícil fazê-lo, e como Chavi alimentava a menina, porque para Michael era difícil.

Os Steins e os Levys foram apresentados e passaram a conversar amigavelmente. Quando a reunião se aproximava do final, David disse para Michael e Chavi: “Minha esposa e eu ficaremos muito felizes de convidá-los para passar um *Shabat* conosco. Vocês nos honrariam em vir?”. David pensou que além de fazer a *mitsvá* de receber visitas, as lições que ele e seus filhos aprenderiam ao passar um *Shabat* com um casal tão extraordinário ficariam gravadas para sempre. Os Levys responderam que ficariam muito contentes de ir para Stanford, mas explicaram que, devido à sua dificuldade de locomoção, alguém teria de buscá-los em seu apartamento em Manhattan. Os Steins concordaram prontamente em ir apanhá-los e ficou combinado que, dali a três semanas, eles passariam o *Shabat* juntos.

Na semana anterior à que os Levys iriam para Stanford, o pai de Michael faleceu. Michael ligou para os Steins contando a triste notícia e explicou que teriam de adiar o encontro, pois eles observariam o *shivá* – os sete dias de luto.

Depois do período de *shivá*, novos planos foram feitos. Então, duas semanas depois do *Shabat* combinado originalmente, numa quinta-feira à noite, David apareceu na casa dos Levys para buscá-los. Ele os ajudou no que foi preciso e levou-os para passar o *Shabat* com sua família.

Na sexta-feira antes do pôr-do-sol, David explicou para Michael que ele pensara em duas opções para a reza de *Shabat* do dia seguinte. A sinagoga na qual normalmente David rezava ficava a cerca de uma milha. A outra, onde eles iriam rezar na sexta-feira à noite, ficava logo do outro lado da rua. Então David perguntou em qual das duas sinagogas Michael gostaria de rezar no dia seguinte: “Eu imaginei que seria mais fácil para nós irmos amanhã nesta mesma sinagoga”, explicou. “No entanto, haverá a comemoração de um *bar mitsvá* neste *Shabat*. Com isso, as orações vão se prolongar um pouco mais, por causa do discurso do rabino, da leitura da *Torá* que será feita pelo garoto e também pelos vários convidados que serão chamados para a leitura da *Torá*. Qual sinagoga você prefere, Michael?”

Michael respondeu que, para ele, seria mais fácil rezar nesta sinagoga mais próxima, e que ele não se importava com a demora. Ficou combinado, então, que rezariam naquela sinagoga no dia seguinte também.

Michael, como sempre, levou seu *chumash* e seu *sidur* em braile para a sinagoga antes do horário de acender as velas de *Shabat*.

Michael e David, conforme combi-

nado, foram à sinagoga mais próxima da casa de David na sexta-feira à noite e também no sábado de manhã.

Sábado à tarde, quando David e Michael estavam indo novamente para a sinagoga para a oração de *Minchá*, o professor do menino que fizera *Bar Mitsvá* pela manhã aproximou-se rapidamente deles.

– David! – gritou o rabino com grande excitação. – Você não vai acreditar no milagre que aconteceu na sinagoga esta manhã!

David não podia imaginar do que o rabino estava falando. Ele não tinha visto ou ouvido nada diferente na sinagoga de manhã, exceto um garoto fazendo *bar mitsvá*.

– É inacreditável! – o rabino exclamou novamente. – Eu trabalhei com aquele garoto para ensiná-lo a ler na *Torá* por mais de um ano e meio. Ele enfrentou muitas dificuldades para aprender. Para complicar mais ainda a situação, os seus pais se divorciaram neste ano, o que somente aumentou a pressão sobre tudo o que já acontecia. Nós revisamos a leitura da *Torá* inúmeras vezes, mas eu nunca tive certeza se ele conseguiria realizá-la a contento no dia do *Bar Mitsvá*.

– Há alguns dias, o pai do menino prometera ao jovem que viria à sinagoga hoje de manhã – continuou contando o rabino. – No entanto, quando ele estava pronto para subir na *bimá* e fazer a leitura, olhou em volta procurando seu pai, mas não o encontrou. Isso deixou o garoto mais ansioso. Naquele momento eu tive certeza de que ele não conseguiria ler mais do que duas das sete partes da porção semanal. Ou pior ainda! Que ele acabaria desmaiando em cima da *bimá*.

– Mas não foi o que aconteceu! – prosseguiu o rabino ainda mais en-

tusiasmado. – Pelo contrário! Ele leu na *Torá* de forma tão admirável que eu fiquei surpreso. Eu nunca o tinha ouvido ler tão bem! Depois de tudo, virei-me para o menino e perguntei: “Ezra, como você conseguiu ler tão bem? Eu nunca o vi ler desta forma?”. Ele olhou fixamente para mim e perguntou: “Rabino, o senhor se lembra o que o senhor me disse na primeira vez, quando começamos a estudar esta parashá juntos?”. Mas eu não me lembrava. Então Ezra respondeu: “O senhor me disse, logo no início, que eu teria de fazer a leitura da *Torá* tão bem e tão claramente que mesmo se houvesse um homem cego na sinagoga, ele deveria ser capaz de acompanhá-la. Hoje eu estava muito nervoso por causa da leitura em si e porque meu pai não tinha aparecido. Porém, quando olhei em volta da *bimá*, vi um homem cego sentado com seu *chumash* em braile. Decidi, então, bloquear tudo o que passava pela minha cabeça e me concentrar em ler bem para que ele fosse capaz de seguir a leitura perfeitamente”.

* * *

O encontro na comemoração de encerramento do livro, o acordo para passarem o *Shabat* juntos, o atraso na visita, a escolha da sinagoga, o assento onde o homem cego sentou...

O Rei David escreveu (*Tehilim 92:6*): *Má gadelu maassecha Hashem* – Como são grandes Seus atos, Hashem! De fato, o Mestre do Universo promoveu tantos eventos para coincidirem em perfeita harmonia!... Isso é música para os ouvidos que são sábios o suficiente para ouvi-la.

**“Celebrations”, no livro “In the Footsteps of the Maggid” do Rabino Pessach J. Krohn.
Publicado com permissão da Mesorah Publications.**

Rosh Hashaná que coincide com o Shabat

Neste ano, o primeiro dia de Rosh Hashaná será comemorado no Shabat, dia 15 de setembro à noite e 16 de setembro de dia.

Rabino I. Dichi

O cumprimento das mitsvot na prática e no pensamento

Diz a *mishná*, em *Massêchet Rosh Hashaná* (29): “Quando o primeiro dia de *Rosh Hashaná* coincidia com o *Shabat*, no *Bêt Hamicdash* (no Templo Sagrado) se tocava, mas não no resto da *Mediná* (País)”.

Nossos sábios decretaram que não se tocasse o *shofar* em *Rosh Hashaná* quando este coincidissem com o *Shabat*, por receio que se venha a transportá-lo em via pública (que é proibido no *Shabat*) mas não incluíram nisto o Templo Sagrado. No *Netivot Shalom* é trazida uma maravilhosa ideia do *Bêt Avraham*, baseada nesta *mishná*.

Como é conhecido, em cada preceito há duas partes: a da execução e a do pensamento. A primeira inclui o próprio ato e tudo o que é necessário para se cumprir a obrigação. A segunda inclui a preparação intelectual e as intenções que se deve possuir, no pensamento e no coração, ao se cumprir o preceito.

A parte da execução é denominada “*Mediná*” (País), que é o lugar onde se dá a ação, enquanto a do pensamento é chamada de “*Micdash*” (Templo). Ela é mais interior e recôndita, sendo também considerada mais elevada e sagrada, a ponto de receber este nome especial.

“Quando o primeiro dia de *Rosh Hashaná* coincidia com o *Shabat*, no *Bêt Hamicdash* (Templo) se tocava, mas não no resto da *Mediná* (País)”. No *Shabat*, não existe o aspecto do cumprimento prático da *mitsvá*, chamado de “País”, mas no “Templo” se tocava.

A parte do pensamento ligada ao cérebro – que é o “Templo” – existe também no *Shabat*. Todas as ideias e os assuntos internos ligados ao toque do *shofar* continuam no *Shabat* e não são anulados, de modo algum. O decreto de nossos sábios diz respeito ao ato, enquanto a santidade da *mitsvá* e suas intenções continuam válidas.

O grau mais elevado no cumprimento do toque do shofar

Além disso, isto demonstra que, no *Shabat*, a *mitsvá* é cumprida em seu mais alto nível. A santidade do *Shabat* se mescla à santidade das intenções e ideias do *shofar* e eleva seu nível à qualidade de “Templo”.

Isto é indicado também nas primeiras letras do versículo “*Tik’u bechôdesh shofar, bakêsse leyom chaguênu*” (Toquem no mês *shofar*, quando se encobre o dia de nossa festa), que formam a palavra “*Beshabat*” (no *Shabat*). Ou seja, neste dia se cumprem todos os assuntos especiais e as intenções sagradas deste preceito.

No *Chovot Halevavot* (*sháar cheshbon hanêfesh*, capítulo 21, *ofen* 21) está escrito que somente por meio da ação o indivíduo se aparta de seus desejos e obriga sua natureza a mudar positivamente. Uma vez que nossos sábios proibiram o toque do *shofar* no *Shabat*, a *mitsvá* só é cumprida passivamente, com o pensamento. Nos outros dias, entretanto, ela só se completa com a junção dos atos e das intenções a ela relacionados.

No entanto, no *Talmud Yerushalmi* (*Massêchet Rosh Hashaná*, capítulo 4, *halachá* 1) se

aprende isto do fato de trazer a *Torá* dois versículos sobre *Rosh Hashaná*. Em um deles está escrito “um dia de toque” e no outro consta “uma lembrança do toque”.

No *Yerushalmi* é explicado que o primeiro versículo trata de quando a festa cai nos outros dias da semana e se toca efetivamente, enquanto o segundo fala sobre o *Rosh Hashaná* que cai no *Shabat*, quando apenas se lembra do *shofar* nas orações especiais do dia, sem que seu som seja efetivamente ouvido.

À primeira vista, isto é difícil de entender. Ao se analisar o texto da *Torá*, percebe-se que na porção que trata das próprias festividades, em *Parashat Emor*, aparece apenas a “lembrança do toque”. Em compensação, o “dia do toque” aparece somente na porção que trata das oferendas das festividades, em *Parashat Pinechás*, não no principal trecho sobre a própria festividade!

É possível compreender isto com base no que foi dito anteriormente. A “lembrança do toque” no *Shabat* não é uma simples lembrança e sim, parte integrante do cumprimento da *mitsvá* mediante o pensamento, aprofundamento e intenção. Assim, isto pode ser trazido no trecho que trata da própria festividade.

Além disso, foi explicado que o

modo de cumprir este preceito no *Shabat* é ainda mais elevado que nos outros dias da semana, sendo chamado de “Templo”, quando comparado ao “País”. Deste modo, ele constitui a principal parte da *mitsvá* e convém que seja trazido no trecho mais importante.

Com base nisto, é possível entender que a “lembrança do toque” não vem apenas recordar algo externo e que é executado em outros dias, durante as orações. A lembrança é intrínseca ao próprio dia, incluindo intenções e diversos assuntos elevados e profundos, com os quais cada um se ocupa em pensamento e fala, trazendo a si um espírito de santidade.

De acordo com o *Talmud Bavli*, a *Torá* ordena que o *shofar* seja tocado mesmo durante o *Shabat*, sendo que nossos sábios o proibiram. O próprio cumprimento desta ordem preenche a Vontade Divina, uma vez que a autoridade deles provém do que está escrito na *Torá*: “Não se desvie do que lhe falarem, nem para a direita e nem para a esquerda” (*Devarim* 17:11). Conforme explica o *Sêfer Hachinuch*: “que os escutemos e estejamos todos aos cuidados de suas boas mãos”.

Deste modo, ao se escutar sua voz, é considerado como se todos os preceitos fossem integralmente guardados e a Vontade de D’us é cumprida. ■



ESTRELA
Aviamentos

**Desejamos muita saúde,
brachot e alegrias
para toda Kehilá.**

Fitas Elásticas Estrela Ltda
Rua João Roberto, 580
Cidade Industrial de Cumbica
CEP 07221-040 - Guarulhos - SP
Tel.: (11) 2142-7277
e-mail: estrela@estrela.ind.br
www.estrela.ind.br

KALIMO

*Parabeniza a Congregação pela
divulgação dos valores judaicos.*

“Todo aquele que possui as três qualidades que se vão enumerar é um discípulo de Avraham, nosso pai; o que possui os vícios opostos é um discípulo de Bil’am, o ímpio. O bom olhar, a humildade e a abnegação são as características dos discípulos de Avraham. O mau olhar, o orgulho e a ambição são as características dos discípulos de Bil’am.”

Ética dos Pais 5:23



PARIS
condomínios

Administração de Condomínios
Administração de Carteiras de Locação
Locação e Vendas

*Garanta uma elevação na qualidade
e redução nas despesas da administração
de seu condomínio!*

**Av. Cásper Líbero 58/12º and. (11)3228-4455.
www.pariscondominios.com.br**

O Valor do Tempo

Ensaio sobre os fundamentos da vida judaica: Os sete dias da criação; por que dez dizeres; por que sete dias; dividindo nosso tempo e fazendo um ticun.

Rabino Yaakov Moshê Hilel, Rosh Yeshivat
Ahavat Shalom, Jerusalém

Os Sete Dias da Criação

Hashem criou o mundo por meio de dez dizeres¹. Ele disse: “Que haja luz” e houve luz. Ele disse “Que haja o Firmamento” e os céus passaram a existir. Mesmo assim, o processo da Criação não foi um evento único, ocorrido cerca de seis mil anos atrás, pois mesmo depois de ter criado todos os mundos – o espiritual, o físico, descendo até o mundo em que vivemos – *Hashem* permanece conectado a todos eles, instilando constantemente Sua luz à Criação.

Cada um dos dizeres de *Hashem* continua reverberando alto, nas esferas celestiais. Suas palavras “Que haja luz” permanecem sendo a fonte de luz para sempre, e toda luz que existe provém deste dizer contínuo.

Podemos comparar isto a um coração, que bombeia sangue continuamente. O sangue alcança todas as partes do corpo. Se o fluxo parasse, o corpo iria perecer. Assim também, o Criador continuamente dá de Sua luz e irradia as forças da criação ao mundo, renovando a existência a cada segundo.

Por que não enxergamos a renovação constante no plano físico? Talvez a realidade seja semelhante a um filme. Apesar de cada quadro ser uma fotografia separada e independente, quando o filme roda rapidamente, o olho humano não

consegue perceber as mudanças sutis entre uma foto e a próxima; tudo parece ser uma cena contínua aparecendo.

Mesmo assim, este não é o motivo real porque não percebemos a renovação da Criação. O *Rav* Chayim Volojin faz esta pergunta em seu livro *Néfesh Hachayim*², explicando que nós não vemos este efeito pois este emana da raiz da Criação, que é o Nome de D’us de quatro letras.

Nosso mundo físico é um reflexo do que emana do mundo espiritual, mais elevado. Assim como o mundo físico é composto de quatro elementos básicos: fogo, ar, água e terra, sendo tudo que existe uma combinação destes quatro, as forças espirituais atrás destes elementos são as quatro letras do nome de *Hashem*, Yod-Kê-Vav-Kê³, o nome *Havayá*. *Hashem* é a fonte de toda vida e as quatro letras de Seu Nome são os quatro elementos básicos de todos os mundos espirituais que foram criados por Ele. Eles dão vida a tudo⁴.

Assim, não só o Nome de *Hashem* dá existência à Criação, como também é o que permite sua renovação constante. Isto acontece pois a ordem das letras do Nome muda a cada momento. As quatro letras e as nove vogais (camats, patach, tserê, segol, shevá, cholam, chirik, cubuts e

¹ Pirkê Avot 2:1

² *Néfesh Hachayim*, shaar 1, cap. 2

³ A letra Hé do nome de *Hashem* é escrita aqui como “Kê”, para evitar soletrar o Nome Sagrado sem necessidade

⁴ *Shaarê Kedushá*, parte 1, shaar 1

shuruk) podem ser ordenadas em múltiplas combinações.

Alguns *sidurim* apresentam qual combinação de letras do Nome de *Hashem* se aplica a cada mês. Além disso, não só cada mês tem sua própria combinação de letras; cada semana, dia, hora e segundo tem sua própria combinação, de acordo com o *ticun* (retificação espiritual) que é possível para aquele momento.

Existem princípios Cabalísticos que permitem que letras sejam trocadas por outras; também, letras podem ser “expandidas” para revelar ainda outras letras, ocultas⁵. Portanto, as combinações possíveis, que derivam do Nome de *Hashem*, são infinitas.

Assim, cada momento da existência tem seu próprio e especial significado, diferente de qualquer outro momento que possa vir a existir. O arranjo das letras em determinado instante representa a única e exclusiva forma com que *Hashem* está Se revelando a toda a criação naquele momento específico.

Por que Dez Dizeres ?

Os sábios perguntam por que *Hashem* precisou falar dez vezes separadas, quando poderia criar o mundo inteiro com uma frase: “Que exista o mundo”⁶.

Os cabalistas explicam que os dez dizeres significam os dez atributos básicos de *Hashem*, que são os meios pelos quais Ele Se relaciona conosco e Se revela a nós. Assim como as letras do Nome de *Hashem*, os atributos também se manifestam em combinações infinitas, dependendo da pessoa, da situação e do momento.

Este é um conceito muito profundo mas, basicamente, *Hashem* criou o

mundo para por meio dele, relacionar-se conosco. Por exemplo, Ele se relaciona conosco pelo atributo de *chessed* – amor bondoso; pelo atributo de *din* – justiça; por *rachamim* – misericórdia, que equivale a *chessed* e *din* combinados, e assim por diante.

Quando *Hashem* planejou Sua criação, Ele sabia como desejava Se relacionar com o mundo prestes a criar. Como Ele desejou Se relacionar com o mundo e governá-lo com estes dez atributos, Ele criou o mundo também neste sistema de dez.

Como seres humanos criados à imagem Divina, nós também temos a capacidade de expressar estes dez atributos.

Três destes atributos se referem ao intelecto: *chochmá*, *biná* e *dáat*. *Chochmá* é a capacidade de absorver conhecimento; *biná* é a habilidade de entender este conhecimento em profundidade; *dáat* é saber como aplicar ambos, o conhecimento e o entendimento. Uma pessoa pode ser brilhante, mas pode não saber como dizer a coisa certa à pessoa certa no momento certo. Esta é a função de *dáat*.

Além destes, temos outros sete atributos pelos quais interagimos com o mundo. São chamados *midot*, ou “traços de caráter”. Somos ordenados pela *Torá* a modelar nossas *midot* à luz de *Hashem*: assim como Ele é bondoso, devemos ser bondosos; assim como Ele é misericordioso, devemos ser misericordiosos e assim por diante⁷.

O Rav Chayim Vital faz uma pergunta profunda sobre isto: Por que não está o aperfeiçoamento das *midot* contado entre as 613 *mitsvot*?⁸. Não há nenhum mandamento que nos obrigue a não perder o controle, ou sermos humildes, mes-

mo que sabemos que estes são pontos importantes, já que nossos sábios nos dizem: “Insultar alguém em público é como derramar seu sangue”⁹; “Ser arrogante empurra a Presença Divina”¹⁰; “Perder o próprio controle é como adorar ídolos”¹¹. Há vários traços de caráter que se manifestam amplamente no comportamento, desde os negativos, como orgulho, raiva, mesquinhez ou crueldade, até os positivos, como humildade, tranquilidade, generosidade e bondade. Nossos sábios também nos falam sobre a grande recompensa por desenvolvermos os bons traços de caráter e a punição terrível pelo comportamento negativo. Por que então estes não estão listados entre as *mitsvot*?

A resposta é que melhorar nosso comportamento está incluído no mandamento amplo de imitar *Hashem*¹². O versículo diz que *Hashem* criou o homem à Sua imagem. Porém, já que *Hashem* não tem forma física, um tipo diferente de semelhança deve existir entre o homem e seu Criador. A resposta é que podemos nos “assemelhar” a *Hashem* por meio do nosso comportamento. Quando moldamos nosso comportamento ao de *Hashem* e agimos do modo Divino, aí então somos Sua imagem.

A parte física de um ser humano é composta dos quatro elementos básicos que mencionamos. Esses elementos têm uma forma de energia espiritual muito rudimentar. É chamada “Néfesh Behamit” (alma animal), ou “Néfesh Yessodit” (alma básica). É uma forma muito baixa de espiritualidade, que, estando atrelada ao físico, é similar à dos animais. Mesmo assim, é uma fonte de vida.

Além disso, temos a alma que é “Néfesh Eloka Mimá’al”, uma parcela de *Hashem* das alturas. Esta é a alma

⁵ Por exemplo, a letra yod pode ser soletrada yod-vav-dálet, assim revelando duas letras adicionais.

⁶ *Pirkê Avot* 2:1

⁷ *Shabat* 133a

⁸ *Shaarê Kedushá*, parte 1, *Sháar* 2

⁹ *Bavá Metsiá*, 58b

¹⁰ *Sotá*, 5a

¹¹ *Shabat*, 105b

¹² *Devarim*, 11:22

que *Hashem* insuflou em Adam. *Hashem* fez o corpo de Adam do pó da terra, então insuflou nele o Espírito Divino¹³. É, por assim dizer, uma parte do próprio *Hashem*, pois, como explicado no *Zôhar*, “se alguém sopra, sopra de seu próprio interior”.

Quando dizemos que uma pessoa tem 248 órgãos e 365 veias, estamos falando principalmente de sua forma espiritual. Os 248 órgãos espirituais da *neshamá* (alma) correspondem aos 248 mandamentos positivos que cumprimos, enquanto as 365 veias espirituais correspondem aos 365 mandamentos negativos, que devemos evitar transgredir. Além disso, estes correspondem ao número de órgãos e veias do ser humano.

A cada *mitsvá* que cumprimos, seja um mandamento positivo ou negativo, abrimos um canal para permitir que a *kedushá* (santidade) de *Hashem* flua para um determinado órgão ou veia - tanto físicos como espirituais. Com isso, aperfeiçoamo-nos e atingimos um nível mais elevado de *kedushá*, ao trazer a *Shechiná*, a Presença Divina, às nossas vidas.

Em geral, as *midot* derivam da *nêfesh bahamit*. Uma pessoa pode ser muito animalésca. Porém, com um esforço constante e com o cumprimento das *mitsvot*, podemos elevar nossos atos até preencher nosso papel como seres humanos.

Aperfeiçoar as *midot* é o trabalho de uma vida inteira. O *Gaon* de Vilna tira ensinamento, sobre este tópico, do versículo: “Minhas palavras são como temporais e gotas de orvalho...”¹⁴. A *Torá* é comparada à chuva e ao orvalho; ambos permitam às plantas crescer. Porém este crescimento depende muito

do que se planta. Se forem plantados itens bons, como trigo, cevada, frutas e vegetais, a chuva os fará crescer e a bondade aumentará no mundo. Mas, se plantarmos coisas ruins, como ervas venenosas ou daninhas, é isso que crescerá.

O mesmo é verdade para a *Torá*, segundo o *Gaon*. Se você estuda a *Torá*, ela o fará grande. Mas em que você será grande, vai depender daquilo que você plantar. Se você plantar sementes de *midot* boas, a *Torá* fará de você um grande *tsadic*. Se você não trabalhar sobre suas *midot*, a *Torá* o fará grande - mas um grande monstro.

É assustador, mas é verdade. Sem trabalhar sobre nossos traços de caráter, nunca poderemos melhorar.

Por Que Sete Dias ?

“Dez” significa perfeição e finalização, o fechamento de um ciclo. De nossos dez atributos, três correspondem ao intelecto, a ligação entre nós e o nosso Criador. Estes três atributos estão além da limitação do tempo.

Nossos demais atributos, as *midot*, são sete. Sete representa um sistema que opera dentro do tempo, como o mundo natural. No âmbito da natureza, tudo é limitado no tempo. O número sete tem significado especial no judaísmo. A semana tem sete dias, o ciclo de *shemitá* tem sete anos, quarenta e nove (sete vezes sete) são os dias do *ômer*. Todos esses ciclos de sete se conectam a períodos de tempo.

A criação do Universo se completou com dez dizeres, que correspondem aos dez atributos, que são a totalidade e a perfeição dos dutos pelos quais *Hashem* se relaciona conosco.

Em nós temos também esses dez

atributos, pois fomos criados igualmente à imagem Divina. Do outro lado, o tempo, que se relaciona aos mundos inferiores, é medido por sete.

O principal motivo de *Hashem* ter criado o mundo em sete dias foi ensinar-nos a importância de se funcionar dentro do tempo. O tempo é a coisa mais importante do mundo. O tempo é tudo.

Os povos dizem que “tempo é dinheiro”, mas o tempo é muito mais do que dinheiro. Tempo é a própria vida. Cada segundo que um relógio avança é um novo segundo de nossa vida que se foi. Se entendêssemos o valor do tempo, saberíamos como empregar cada segundo de vida que *Hashem* nos dá, fazendo o que se espera de nós. *Hashem* criou o mundo em sete dias para nos ensinar a maneira de trazer o mundo à perfeição e plenitude final; servindo a Ele dentro dos limites do tempo, conforme cada indivíduo, seus desafios e situação pessoal, conforme a raiz de cada alma.

Dividindo Nosso Tempo

Cada um de nós tem um *ticun* diferente. Cada um de nós tem um propósito neste mundo e cada um de nós precisa cumprir aquilo que veio preencher, usando sua vida e tudo que *Hashem* lhe concedeu - seus talentos, seu patrimônio, suas habilidades.

Ao nascer, cada pessoa já tem definido seu tempo de vida. *Hashem* lhe dá um período de vida, de acordo com aquilo que ela precisa cumprir; isto por sua vez se reflete naquilo que falta à pessoa. Pode ser que a *neshamá* de alguém já esteve algumas vezes neste mundo, cumpriu certas *mitsvot*, mas ainda lhe faltam outras, precisando de

¹³ Bereshit 2:7

¹⁴ Devarim 32:2

mais tempo para se completar. Uma *neshamá* nova pode precisar de maior tempo. A cada pessoa é dado tempo suficiente para atingir a plenitude. Não só a pessoa recebe vida e tempo, como também o intelecto e a capacidade de fazer tudo que deve. Com a evolução da vida de cada um, recebe todo o necessário, inclusive financeiramente, para completar sua missão.

Da mesma forma, cada geração tem seus problemas e *Hashem* espera que cada geração complete sua missão específica. *Hashem* nos dá testes e transtornos e todas as situações que nos são necessárias em nossa época.

Às vezes temos ótimas oportunidades de fazer *chessed*. Às vezes vivemos em uma época em que a prioridade é fortalecer o estudo da *Torá*. Podemos ver que as gerações passam de acordo com o Plano Divino e seguem um padrão. Cada geração é única, como cada indivíduo é único. Por exemplo, os sábios dizem: “Se você vir uma geração em que as pessoas querem estudar a *Tora*, entregue-se a isto¹⁵. Dê seu tempo, seu dinheiro, sua vida. Se você vir uma geração em que as pessoas não estão interessadas na *Torá*, não dê”. O que quer dizer “não dê”? Quer dizer “*canês*”, siga seu caminho. Há certas gerações em que as pessoas se dedicam à sua própria perfeição, lutando para atingir níveis elevados de espiritualidade, para estar mais próximos a *Hashem*. Em outras gerações isto não nos é permitido. Temos que nos adaptar e cumprir as missões.

O relógio está funcionando, os segundos estão passando. Mais um segundo se vai; mas para onde vai? Cada segundo de nossa existência é uma marca de nossa espiritualidade, não

só de nossa espiritualidade, como de toda nossa capacidade mental e física, que deveríamos usar naquele momento para cumprir um determinado serviço incumbido a nós – seja estudar *Torá*, rezar, cumprir uma *mitsvá*, ser gentil com pessoas próximas a nós, oferecer um bom conselho a alguém, dar um empréstimo, ajudar um necessitado ou todo tipo de auxílio a outros que possa ser imaginado. Uma coisa é certa: Aquele instante nos foi dado para fazermos o bem.

Assim como o ponteiro dos segundos vai deixando números para trás, também a cada segundo que passa deixamos para trás algo de nossa espiritualidade, nossa mente, nossa força física. Foi-se aquele segundo, mas para onde? Depende daquilo que fizemos com ele. Se cumprimos uma *mitsvá*, o instante vai para o *Gan Éden*, e estará nos aguardando. Se fizemos algo errado com aquele segundo, este se abaixará a algum outro lugar, onde também nos aguarda.

Eventualmente, a pessoa descobre como dividiu seu tempo. Irá procurar seus anos, semanas, dias, horas, minutos e segundos. Vai encontrá-los. Quantos terão se elevado e quantos terão caído?¹⁶

Os cabalistas nos dizem que cada pessoa cria seu próprio *Gan Éden* pelas boas ações que faz neste mundo¹⁷. Cada uma das boas ações cria uma força espiritual que se eleva e aguarda por nós. Após os 120 anos, chegamos e recebemos esta recompensa. E a cada pecado criamos um acusador. Literalmente, uma pessoa se divide dia após dia, segundo após segundo.

O *Zôhar* encontra alusão a este conceito em um versículo¹⁸: “Avraham

estava idoso, vindo com os dias”. Literalmente, o versículo não faz sentido. É claro que se você é idoso em anos, estará vindo com os dias, pois os dias vão-se somando em anos.

Ainda assim, uma pessoa pode viver até uma idade avançada, mas sem fazer nada de sua vida. Foram lhe dados anos, mas o que houve com seus dias? Foram dias plenos, que ele usou apropriadamente, ou foram desperdiçados?

Avraham não era somente idoso em anos, mas quando chegou ao *Gan Éden*, chegou com todos os seus dias. Seus dias foram perfeitos. Sua vida foi como um belo colar de diamantes. A maioria dos colares das pessoas é incompleta. Alguns dias são desperdiçados apenas passando o tempo ou em atividades erradas; outros foram usados como deveriam somente em parte. Os diamantes estão faltando no colar, ou estão imperfeitos. Estas pessoas procurarão consertar seus colares para levá-los à perfeição. Avraham, porém, veio com todos os seus dias, cada um deles um diamante perfeito.

Você pode viver muitos anos; mas o número não tem significado. A questão é: por quanto tempo você serviu a *Hashem*?

Precisamos saber o valor do tempo. *Hashem* nos concedeu tempo. *Hashem* nos concedeu vida. *Hashem* nos concedeu inteligência. *Hashem* nos deu todo tipo de talentos. *Hashem* nos deu força, riqueza. Tudo que *Hashem* nos deu precisa ser usado para servi-Lo.

A vida é sagrada. Como uma pessoa se sentiria, D’us não permita, se tivesse desperdiçado sua vida? As horas passaram e ele não atingiu nada. Isto é o que precisamos entender. Teremos que prestar contas. Está escrito que

¹⁵ Berachot 63a

¹⁶ Arvê Náchal, Parashat Vayakhel

¹⁷ Rúach Chayim, Mishná 1

¹⁸ Bereshit, 24:1

Hashem nos perguntará por que desperdiçamos tempo de estudo da *Torá*, até pelos instantes que levamos para engolir nossa saliva¹⁹. Precisaremos responder por todos os momentos.

Fazendo um Tikun

Esta é a vida. Temos que saber como nos relacionar com a vida, de acordo com a importância daquilo que podemos alcançar. Você usa um segundo de vida, de existência, você o investe com sua inteligência, sua força física, seus talentos e você o eleva para a espiritualidade e ele se torna *nêtsach* – existirá eternamente. Se você o desperdiça, foi-se para sempre.

Ouçoo pessoas falando: “Por que você está me dizendo isso agora? É tarde demais. Se eu soubesse disso há 20 anos, teria agido de outro modo. Mas agora, o que posso fazer para remediar o mal que causei a mim mesmo?”. Só uma coisa nos consola: temos uma *mitsvá* chamada *teshuvá*.

Arrependimento não é a tradução precisa de *teshuvá*; esta tem um sentido muito mais profundo. *Teshuvá* significa retorno. Quando uma pessoa faz *teshuvá* e retorna para o caminho da *Torá*, ela traz consigo todos os segundos, horas, dias, semanas e meses que estavam perdidos. Ela os traz de volta, todos. *Teshuvá* pode corrigir tudo, até mesmo o passado, trazendo-o, corrigindo, para a sua fonte.

Mas como isso funciona? Como um minuto usado de forma correta pode corrigir o que fizemos há dez minutos ou dez anos? As repercussões de cada momento não são exclusivas dele?

Hashem é bondoso conosco. Se você se arrepende do passado de todo coração, *Hashem* considera como se você o

tivesse servido por toda a sua vida. O caminho correto que você segue agora muda tudo, até o passado. Esta é a força da *mitsvá* da *teshuvá*.

A *Guemará* diz que “alguém que não presenciou a *Simchat Bêt Hashoevá* nunca viu a alegria em sua vida”²⁰. A festa de *Sucot* é um tempo de alegria, e o evento do colhimento de água trazia ainda mais alegria. As pessoas dançavam e cantavam com grande alegria. A *Guemará* nos conta que os *tsadikim* – pessoas religiosas desde o nascimento – declaravam: “Agradecemos a D’us por nossos anos recentes não envergonharem nossa juventude. Éramos corretos quando jovens e somos corretos quando mais velhos. Continuamos no caminho certo. Começamos no caminho certo e não nos tornamos preguiçosos”. Os *baalê teshuvá* diziam: “Agradecemos a D’us por nossos anos recentes terem perdoado nossa juventude”. A conclusão é que todos diziam juntos: “Feliz é a pessoa que nunca pecou”.

Sem dúvida, é melhor nunca pecar. Ninguém deve pensar que, já que um *báal teshuvá* é tão precioso aos olhos de *Hashem*, seria melhor pecar e depois se arrepender. Não; sempre é melhor nunca pecar. Em relação a nossos filhos, queremos nos certificar de que nunca pecarão. Queremos que sejam totalmente corretos. A *teshuvá* corrige o que foi feito de forma errada. Sem isto, não temos *simchá*. Que maior alegria neste mundo do que termos a honra e a possibilidade de servir a *Hashem* sempre – mesmo nos momentos que acreditávamos estarem perdidos?

Se a pessoa não percebe o significado de o que *Hashem* espera dela, a vida não tem significado. *Hashem* espera que

cada um de nós alcance o nível máximo de serviço a Ele. Quanto mais Ele nos concedeu, mais Ele espera de nós. Quando um bebê emite seus primeiros sons, os pais ficam encantados. Mas ao perguntarem a um filho maior o que aprendeu na escola, se ele responder com sinais de um bebê, os pais ficarão decepcionados. Do mesmo modo, *Hashem* espera mais da pessoa que tem mais capacidade de estudar e entender. Se nós não estudarmos, continuaremos ignorantes e perderemos – nossa vida, nosso tempo, nós próprios. A cada momento, nossa alma se vai. A cada segundo uma parte dela se foi. Mas para onde?

Esta é a grande questão que temos a nos perguntar.

Esperemos que nossos segundos se passem, enquanto nos movemos na direção certa e que *Hashem* ajude a todos nós corrigir nossos caminhos, mudar para melhor. Se *Hashem* nos deu esta oportunidade de ouro, chamada vida, temos que usá-la como uma rampa para nos elevarmos. É hora de parar de brincar e encarar com seriedade nossas vidas. Se assim fizermos, *Hashem* nos ajudará a completar nossa tarefa de forma adequada, com alegria e sucesso. Eventualmente, chegaremos ao *Gan Éden* que nós mesmos criamos, com todos os nossos dias brilhando como diamantes!

Traduzido do livro
“Ascending Jacob’s Ladder”
por Eddy Levi com permissão do autor

Leiluy Nishmat:
Azriel ben Avraham
Nathan HaLevi ben Mercada
Zoui bat Louli

¹⁹ *Iyov*, 7:19

²⁰ *Sucá*, 5:1



Rabino Yossef Bracha
(fundador das instituições Shaarei - Israel)

SHAAREI 18 anos
Construindo a próxima geração
do judaísmo Brasileiro

Shaarei: Dezoito Anos de Muitas Vidas!

O Grupo Shaarei, uma das maiores instituições educacionais dirigidas a brasileiros em Israel, está chegando à sua maioria: 18 anos de vidas. Sim, “vidas”! Afinal, aqueles que cruzaram suas portas, durante todos esses anos, tiveram suas vidas transformadas – e outros tantos continuam a ter!

Esther C. Levenstein

Fundada em 2005, a *Midrashá Shaarei Biná*, primeira instituição do Grupo *Shaarei*, nasceu do sonho de um brasileiro, estabelecido em Israel, ele próprio *báal teshuvá*: Rav Yossef Bracha.

Paulistano, nascido em uma família tradicional libanesa, aos 16 anos ele se viu diante de um acontecimento trágico, que o despertou para uma conexão maior com *Hashem*: “Sempre fui muito questionador, buscando entender o sentido da vida, de tudo. Mas a correria do meu dia a dia, como da maioria dos adolescentes, me levava a ocupar o tempo só com estudos, esporte (especialmente o basquete, que me levou a ser ‘federado’, defendendo a camisa do clube A Hebraica), música (tive uma banda, onde tocava guitarra, e meu irmão, bateria!), além de ser bastante ativo no Netzah Israel, da Congregação Beit Yaakov (um dos maiores e mais representativos movimentos juvenis Judaicos do Brasil, que atua baseado no trabalho voluntário realizado por jovens da comunidade, com inúmeras atividades, incluindo campanhas de *tsedacá* e viagens a Israel). Então, esse meu lado ‘filosófico’, embora existente, ficava meio adormecido. Até que, aos 16 anos, a morte repentina do meu pai parou tudo e me ‘puxou’ para uma aproximação maior de *Hashem*. Naquele ano decidi fazer algo para elevar a alma dele, conectando-me mais com o judaísmo, e passei a rezar todos os dias. Com o tempo me aproximei do Rav Efraim Laniado *shelita*, que me convidava para as refeições de *Shabat* na sua casa – aliás, no ano da morte do meu pai, passei praticamente todos os *shabatot* ali. Para minha surpresa, vi que um rabino também era um ser ‘normal’, com filhos, família, ‘gente como a gente’”, ele se lembra.

Não demorou muito para que Rav Bracha se matriculasse na *yeshivá* de Cotia, a Or Yossef College (ex-Or Israel), em São Paulo, onde concluiu o colegial.

Depois, fez as malas e viajou para Israel, a fim de ingressar na renomada *Yeshivat* Porat Yossef. Também esteve entre os alunos da *yeshivá* de Telz Stone. Então, ele se casou e começou a formar sua família em Êrets Yisrael.

No entanto, algo o incomodava: o perigo da assimilação, que contínua, e progressivamente, pairava sobre seus ‘irmãos’ judeus do Brasil. “Além disso, tinha uma sede imensa de dividir meus conhecimentos de *Torá* com os outros. Mas, seguindo o conselho de um grande rabino, me preparei bastante antes de colocar isso na prática. E sempre pedia um sinal de *Hashem*, sobre quando começar esse trabalho”, conta Rav Bracha.

Esse *siman* veio na forma de um encontro com dois amigos de infância: o empresário Rony Dayan e o Rabino Shlomo Safra (fundador da instituição Makom, em São Paulo). Enquanto o primeiro lhe relatou que sentia falta de um projeto voltado para o público feminino brasileiro, que o incentivasse a crescer em *Torá* e *mitsvot* – afinal, as mulheres são o alicerce do lar, da educação dos filhos – Rav Shlomo o procurou dizendo que tinha um grupo de mais de vinte meninas, que queria muito passar um tempo em Israel, estudando *Torá* numa *midrashá* e conectando-se mais com *Hashem*.

“A ideia inicial era inscrevê-las na *Midrashá* Neve Yerushaláyim. No entanto, o próprio rabino dessa instituição nos aconselhou a abrir um lugar voltado só para brasileiras. Saímos da reunião um tanto assustados, porque, sinceramente, não tínhamos essa pretensão, tampouco patrocínio, para uma empreitada desse porte. Mas *Hashem* nos ajudou e, por fim, conseguimos. Essa história me ensinou que quando você está procurando fazer a vontade de *Hacadosh Baruch Hu*, com o coração puro, Ele o ajuda de forma milagrosa”, reflete Rav Bracha. Ele encontrou, em Jerusalém, num belo

casarão com piscina, cercado por muito verde, a sede perfeita para sua *midrashá*, em uma pacata rua no bairro de Ramot (originalmente no número 43 e, hoje, nas casas 29 e 31 da Rua Mishol Hadkhalim).

Quatro anos depois, foi a vez dos rapazes. Nascia a *Shaarei Daat*, uma *yeshivá* também focada em aproximar os jovens brasileiros afastados do judaísmo. Como a sede feminina, a masculina também não permaneceu no mesmo endereço desde sua fundação e, atualmente, ocupa uma casa aconchegante na Rua Derech Hachosh, 88, em frente ao *Gan Hakipod*, um dos parques mais bonitos de Ramot. Ali, além de todos os benefícios que as jovens recebem, como alimentação, moradia, aulas de *Torá* e passeios incríveis pelos lugares mais bonitos de Israel, os meninos ainda têm à disposição um *bêt bidrash*, uma academia e, agora, um espaço onde podem estudar e fazer seus trabalhos com sossego e concentração.

“Rony Dayan e Rav Shlomo Safra são fundamentais para o sucesso da *Shaarei*. Rony acreditou no projeto desde o início e nos acompanha até hoje, dando todo tipo de apoio, aconselhamento, enfim, sempre presente em todos os momentos, nas decisões importantes... Ele é fundamental nessa história, extremamente dedicado à *Shaarei* – diria até que é uma das prioridades de sua vida! Graças à sua visão inicial, sem dúvida, o Judaísmo feminino no Brasil mudou e, conseqüentemente, toda a comunidade, com o nascimento e desenvolvimento de novas famílias, baseadas no cumprimento da *Torá* e das *mitsvot*. Por sua vez, Rav Shlomo tem sido um aliado muito importante durante toda trajetória da *Shaarei*, ajudando nosso projeto de diferentes maneiras, além de se empenhar constantemente em mandar meninos e meninas para cá... Além desses dois parceiros, posteriormente, Rony Bisker

Shaarei Brasil

O número 656 da Alameda Barros, em Sta. Cecília, na capital paulista, abriga a sede da *Shaarei Brasil*, o braço verde-amarelo do Grupo *Shaarei* e sob sua direção desde 2021. É ali que funcionam os projetos *Nekudá SP* e *Nekudá One*, sob a coordenação do Rav Chaim Meir Hofnik. “De manhã, a casa é voltada para atividades dirigidas a mulheres, casadas ou solteiras, com aulas de *pilates*, num estúdio de primeira linha e terapeutas especializadas nessa técnica. À noite, o local é todo do Projeto *Nekudá (SP e One)*, cujo principal objetivo é ser uma espécie de ‘satélite’ da *Shaarei* de Israel, preparando os alunos para uma temporada, curta ou longa, em *Êrets Yisrael*”, explica o rabino.

Atualmente, cerca de 60 jovens (entre moças e rapazes) participam de *shiurim*, passeios e outras atividades promovidas pelo *Nekudá*. Na linha de frente do *Nekudá SP* estão os casais Rabino Yaakov Eliahu e Klara Spivack e Luiz Fernando e Juliana Sneider – todos esses, ex-alunos da *Shaarei* – e na do *Nekudá One*, o Rabino Beny Serur. “É um tra-

balho bastante difícil, porque as opções do mundo secular são muitas. Convencer um jovem a reservar um tempo para estudar *Torá* e se conectar com sua raiz, seu judaísmo, é uma tarefa árdua, mas nossa equipe é muito consciente e profissional, sem medo de enfrentar o desafio de falar numa linguagem criativa e dinâmica, que esses jovens ouçam. E temos colhido bons resultados, com alunos vindos de bairros distantes de São Paulo, fora do eixo Higienópolis-Jardins. Tem gente que até encara trem e ônibus para assistir às aulas”, elogia o Rabino Chaim Meir.

Depois de passar cinco anos na *yeshivá* do Grupo *Shaarei*, onde ficou até se casar, em 2018, o Rabino Yaakov Eliahu Spivack resolveu se preparar para fazer o caminho inverso ao que percorrera até então: de participante de programas de *kiruv*, agora é ele quem quer aproximar outros do judaísmo. Assim, resolveu assumir essa missão estudando, em Israel, fazendo parte do programa Ohr LaGolah – Tanenbaum College, voltado especialmente para

kiruv e conseguindo sua *semichá* (ordenação rabínica) pela *Rabanut Badatz Shaarei Shalom*. “Eu me aproximei muito do judaísmo por causa da *mitsvá* do estudo da *Torá*, da qual aprendi a ver não só sua importância, como também sua beleza. No entanto, essa *mitsvá* não engloba apenas o aprendizado, mas também o ensino da *Torá*. E, justamente por ser *báal teshuvá*, queria aproximar outros dessa forma de viver a vida, muito mais verdadeira, que é cumprindo a *Torá* e as *mitsvot*”, afirma o Rabino Spivack.

Além desses programas, a *Shaarei Brasil* ainda disponibiliza um apartamento para acomodar moças que vêm de fora de São Paulo ou de famílias não religiosas, e querem passar um tempo estudando *Torá* na capital paulista.

À exceção do pilates, as demais atividades são gratuitas na *Shaarei Brasil*.

Para mais informações sobre os programas da *Shaarei Brasil*, e-mail: shaareibrasil@gmail.com ou WhatsApp: 11 93000-2624.

e Ariel Ades Carnevale se juntaram à direção da *Shaarei*, onde desenvolvem um importante trabalho nos setores financeiro e administrativo”, observa Rav Bracha.

Hoje, tanto a *yeshivá* quanto a *mi-drashá*, as únicas em Israel focadas exclusivamente em jovens brasileiros entre 17 e 30 anos, atendem pelo nome comum de Grupo *Shaarei*, cujo *slogan* é: “Construindo a próxima geração do judaísmo brasileiro”. “Muito além de um lugar de ensino, a *Shaarei* é a casa do brasileiro em Israel. Hoje, muitos dos jovens judeus pensam que conhecem o judaísmo, mas não têm ideia e dimensão real do que ele é; o quão indispensável é uma vida de *Torá*, de *emuná*. Não raro, eles chegam até nós com vícios, falta de esperança, baixa autoestima... Aqui, reconectam-se consigo mesmos, descobrem os seres humanos maravilhosos e cheios de potencial que são, despertam a identidade judaica, que passa a ser algo bastante significativo na vida deles e, de quebra, exploram as belezas de *Êrets Yisrael*, em passeios inesquecíveis”, diz Rav Bracha.

“Sensação de pertencimento”

Rebeca Serero, 20 anos, vivia em Brasília – DF, sabia que sua avó materna havia nascido no Marrocos, era judia e, portanto, ela também. “Cresci com vários objetos judaicos em casa, embora não soubesse o significado de nenhum deles. Mas sempre fui muito curiosa sobre a minha origem. Falava para todo mundo na escola: ‘Sou judia’, mas quando me perguntavam o que isso significava, não sabia explicar direito. Então, sozinha, comecei a estudar um pouco sobre judaísmo. Quando fiz 16 anos, descobri para que servia a *chanukiyá* que minha avó havia me dado... Num dia aleatório, recebi uma mensagem da *Shaarei* me convidando para participar do programa *Derech*. Aqui, comecei a me interessar muito pelas aulas, os passeios me encantavam... Quando fui ao *Côtel* pela primeira vez, não sabia o que era exatamente aquela parede mas, quando olhei para ela, comecei a chorar que nem uma criança. Tive uma sensação de pertencimento que nunca havia experimentado antes. Aos poucos, passei a colocar o judaísmo na minha vida e, finalmente,

comecei a achar respostas para todas as minhas perguntas. O primeiro *Shabat* que cumpri foi um dos melhores dias da minha vida! Desde então, achei sentido para minha existência. Encontrei amigos, uma família aqui, e pretendo fazer *aliyá* em breve”.

Crescimento global, não só espiritual

Segundo Rav Bracha, o objetivo da *Shaarei* é fornecer aos alunos uma formação abrangente em todos os aspectos de suas vidas, começando pelo espiritual, mas não deixando de lado o profissional, pessoal e social. Para isso, a *Shaarei* fechou parcerias com importantes instituições, como Olami, Masa Israel Journey, JInternship, Onward Israel, Prefeitura de Jerusalém e alguns órgãos do Governo de Israel.

“Nosso compromisso é fornecer educação e orientação de qualidade para nossos alunos (veja, no quadro, um resumo de todos os atuais programas da *Shaarei*). E temos alcançado resultados significativos ao longo desses anos. Tanto que nossos alunos têm se destacado em

Os Programas da Shaarei



Projetos contínuos

NEKUDÁ SP – Projeto em parceria com escolas da comunidade para conhecermos os jovens durante viagens a Israel e criar um vínculo para programas futuros, participando na formação de futuros líderes da comunidade.

NEKUDÁ TLV – Voltado para jovens que já estão em programas em Tel Aviv ou que moram na região. É um centro de *kiruv* com atividades especiais para desenvolver uma base Judaica e fomentar a conexão com a *Torá*.

NEKUDÁ ONE – Projeto de *kiruv* focado em jovens em idade escolar (9º ano até 2º colegial). O objetivo é manter os jovens, que estão no Brasil, conectados com a instituição *Shaarei* em Israel, com a *Torá* e com a vida judaica, ainda antes de ingressarem na faculdade e no mercado de trabalho. A programação inclui *shiuirim*, voluntariado e passeios.

Projetos de Curta duração

JINTERNSHIP – Programa de estágios em Israel com duração de 6 a 8 semanas, focado em mostrar as possibilidades de crescimento profissional no país. Conta com passeios incríveis, workshops e o acompanhamento próximo da equipe.

GRUPO DE FÉRIAS – Programa intensivo de três semanas em Israel, com programação completa: palestras para despertar o interesse e a conexão com a *Torá* e passeios acompanhados pela equipe, que buscam revelar a magia de Israel, por meio de vivências judaicas únicas.

PARCERIA COM ESCOLAS – Projeto com escolas (como Beit Yaakov e Yeshivá de Cotia) para criar vínculos com os jovens durante viagens a Israel. A ideia é abrir portas para a posterior participação de programas, envolvendo-se na formação de futuros líderes da comunidade.

Projetos de Longa duração

DERECH – Programa com duração de 4 a 10 meses, em parceria com o MASA, contando com oportunidades de estágio, Ulpan (aulas de hebraico), viagens, passeios, cursos e aulas diárias para o crescimento espiritual. O objetivo é oferecer uma experiência completa da vida em Israel.

SHNAT ADVANCED – Projeto de 1 ano, destinado aos que retornam à instituição após o programa *Derech*. O programa foca de forma mais intensiva no desenvolvimento espiritual, profissional e da vida prática em Israel.

PLUS – Projeto com dois encontros semanais em Jerusalém para moças em processo de *teshuvá*, solteiras ou casadas, que já participaram de nossos programas, objetivando a continuidade do estudo da *Torá* e das *mitsvot*.

SHNAT UNIVERSITÁRIO – Mais focado na carreira profissional, esse programa inclui estágios mais longos, cursos na área de atuação e passeios mais específicos. Também conta com Ulpan, viagens e aulas de *Torá*.



suas profissões e comunidades, tornando-se líderes comprometidos e respeitados. Graças ao nosso programa de orientação profissional e inserção no mercado de trabalho, muitos dos nossos ex-alunos estão atuando em empresas líderes em Israel, contribuindo para a economia do país”, destaca o rabino.

Formada em Farmácia pela USP, Anick Desmots, 26, passou boa parte da infância e adolescência na paradisíaca Ilhabela, no litoral norte de São Paulo, porém, o contato com o judaísmo era praticamente nulo. Em 2020, ela participou do projeto *Derech* e, em maio deste ano, fez *aliyá*. Em junho conseguiu revalidar seu diploma: “Durante todo esse tempo difícil, em que estava estudando para a prova de revalidação, tive um apoio imenso de todos da *Shaarei*, o que foi fundamental para o meu êxito. Além desse lado profissional, a *Shaarei* me ensinou o que é o judaísmo, que ele é bonito, leve, e, ao mesmo tempo, profundo. Aqui, ninguém é cobrado de nada, apenas incentivado. Todos respeitam seu tempo para a *teshuvá*”.

Mathias Epstein, 27, engenheiro elétrico formado na Unicamp, com mestrado na França, participou do *Derech* em 2021, fez *aliyá* e, agora, trabalha na *startup* Healables, onde desenvolve um dispositivo para auxiliar no tratamento de dores crônicas e lesões esportivas. “O programa *Derech* me fez abrir os olhos para uma nova realidade de crescimento espiritual, amizades verdadeiras e sucesso profissional. Além disso, quando temos qualquer problema, estamos bem amparados pela equipe, para, juntos, encontrarmos uma solução”, diz.

“A *Shaarei* sabe que o jovem busca não só diversão: ele deseja agregar valor à sua vida pessoal. Nós entendemos que o mundo é competitivo, e temos de prover o jovem com ferramentas para enfrentar o mercado de trabalho”, observa Rav Chaim Meir Hofnik, diretor de progra-

mas da *Shaarei* e, também, responsável por unir diversos casais na instituição.

E assim nasceram novas famílias

“Quando um dos nossos alunos se mostra pronto para o casamento e nos procura para falar sobre o tema, nós o orientamos para que ele esteja preparado para construir um bom relacionamento e, a partir disso, uma família estruturada, equilibrada, alicerçada sobre os valores judaicos. Dessa forma, estamos com ele antes e durante os *shiduchim*, e mesmo depois de ele já estar casado. Costumo dizer que, cada vez que os acompanho até a *chupá*, sinto a felicidade que meu querido pai *z”l* não teve”, conta Rav Bracha.

Afinal, acabou sendo um caminho praticamente natural que os meninos da *yeshivá* e as meninas da *midrashá* se casassem entre si. Foi o que aconteceu com Natasha, 27, e Renan Suchmacher, 30. Eles saíram de *shiduch* e, meses depois, casaram-se – e em plena pandemia da covid-19! Hoje, enquanto ela trabalha como programadora na ICP (Israel Content Providers), ele é *avrech* na *Yeshivá* de Mir. Renan também está prestes a lançar um livro, “*Entre as Linhas da Torá*”, sob o selo da *Shaarei*, onde discute sobre *Parashat Hashavua*. “Eu vivia no Rio de Janeiro, onde conhecia um pouco do judaísmo mas, na *Shaarei*, pude me conectar verdadeiramente com *Hashem*, tirar o atraso no estudo da *Torá*, sentindo como isso é bom; a felicidade de cumprir as *mitsvot* e viver uma vida com significado. Foi graças ao preparo que tive na *Shaarei* que, felizmente, fui aceito em Mir, a única *yeshivá* do mundo que nunca interrompeu suas atividades, nem mesmo durante a Segunda Guerra!”, afirma Renan.

História parecida tem Gabriela, 29, e Mayer Brezka, 32. Casados há pouco mais de dois anos e vivendo na cidade de Modiin, ela atua como professora, e ele, como dentista. “Depois de ter parti-



cipado do Grupo de Férias (meu marido também esteve no Grupo de Férias para rapazes) e do *Derech*, decidi fazer *aliyá*. Na *Shaarei*, encontrei uma grande família, um lugar que podemos chamar de casa. A *Shaarei* é onde eu aconselho muitas meninas a ficarem quando chegam de *aliyá* ou se quiserem viver um ano incrível em Israel, pois é um lugar que proporciona milhões de experiências e ainda a oportunidade de conhecer pessoas novas de todo o Brasil”. E tudo a um preço bem acessível!

O coração fala ao coração

No entanto, é inegável que, com um mundo de distração, literalmente, na palma de suas mãos, os jovens têm se mostrado cada vez mais difíceis de serem atraídos para descobrir suas raízes judaicas. Então, qual o segredo do sucesso da *Shaarei*? “Eu acredito que está na nossa equipe de professores e orientadores. Todos acolhem o jovem com muito carinho, respeito e atenção – três coisas que a tecnologia ainda não consegue (e, certamente, nunca conseguirá) dar a eles. Claro que, assim que eles chegam, traçamos um plano de estudo e metas, tanto de

crescimento espiritual quanto profissional e, durante o caminho para alcançá-las, damos todo o apoio de que precisamos. É como diz Shelomô Hamêlech (*Mishlê* 27:19): *כמים הקנים לפנים כן לב: האדם לאדם* ‘Como na água o rosto corresponde ao rosto, assim o coração do homem ao homem’. Ou seja, por termos muito amor pelo que fazemos e acreditarmos nos nossos ideais, que é a manutenção do judaísmo e amar cada judeu como ele é, *baruch Hashem*, atingimos diretamente os corações dos nossos alunos, falando à sua *neshamá yehudit*”, diz Rav Bracha, que emenda: “No mundo de hoje, o jovem se sente preso, numa maratona sem-fim, sem tempo para ele mesmo, imerso numa busca frenética em ‘ter’. No entanto, é preciso aprender a ‘ser’. Cada um tem um valor gigantesco, que não pode ser medido em dinheiro, fama, beleza, ‘seguidores’ ou ‘likes’. Mas, para descobrir isso, é fundamental passar um tempo consigo. E isso é o que a *Shaarei* possibilita”.

Para mais informações sobre o Grupo Shaarei: diretoria@shaarei.com.br ou pelo WhatsApp: +972 25712075.

Um Desafio

7

Quantas gerações passaram de Noach até Avraham?

- a) Cinco
- b) Dez
- c) Quinze
- d) Vinte

2

Têrach:

- a) Tinha 30 anos quando nasceu Avraham, e faleceu dez anos antes de Sará.
- b) Tinha 50 anos quando nasceu Avraham, e faleceu cinco anos antes de Sará.
- c) Tinha 70 anos quando nasceu Avraham, e faleceu dois anos antes de Sará.
- d) Tinha 90 anos quando nasceu Avraham, e faleceu sete anos antes de Sará.

3

Os irmãos de Avraham se chamavam:

- a) Têrach e Betuel.
- b) Nachor e Haran.
- c) Lot e Betuel.
- d) Eliêzer e Nimrod.

4

Os três amigos de Avraham se chamavam?

- a) Lot, Og e Avimêlech.
- b) Eliêzer, Og e Efron.
- c) Aner, Eshcol e Mamrê.
- d) Avimêlech, Efron e Nimrod.

5

Hagar era filha de:

- a) Par'ô.
- b) Sichon.
- a) Og.
- a) Amrafel.

6

Quem avisou Avraham que seu sobrinho Lot fora capturado?

- a) Avimêlech.
- b) Sichon.
- c) Og.
- d) Amrafel.

À sua Sabedoria

7

Rei na época do Profeta Shemuel:

- a) Shaul.
- b) David.
- c) Shelomô.
- d) Chizkiyáhu.

8

Em uma caverna:

- a) Shaul rasgou a camisa de David.
- b) Shaul rasgou um pedaço do chapéu de David.
- c) David quebrou a espada de Shaul.
- d) David cortou um pedaço da capa de Shaul.

9

Avner:

- a) Era General do Rei Shaul.
- b) Era General do Rei David.
- c) Era General do Rei Shelomô.
- d) Nunca foi general de ninguém.

10

Avishay:

- a) Era irmão de Shunamit e general do Rei David.
- b) Era irmão de Yoav e general do Rei David.
- c) Era irmão de Goliat e general do Rei Shaul.
- d) Era irmão de Ishbi e general do Rei Shaul.

11

Avigayil era esposa de:

- a) Moshê.
- b) Shaul.
- c) David.
- d) Shelomô.

12

Filhos do Rei David:

- a) Adoniyáhu, Avshalom e Shelomô.
- b) Adoniyáhu, Achitôfel e Avner.
- c) Shelomô, Achitôfel e Buzi.
- d) Avner, Avshalom e Buzi.

Respostas: 1-B, 2-C, 3-B, 4-C, 5-A, 6-C, 7-A, 8-D, 9-A, 10-B, 11-C, 12-A.



A Ostra e a Pérola

As pérolas são o resultado da entrada de uma substância estranha ou indesejável no interior da ostra, como um parasita ou um grão de areia.

Uma ostra que não foi ferida não produz pérolas...

Pode-se dizer que as pérolas são feridas curadas.

Na parte interna da concha é encontrada uma substância branca e lustrosa chamada nácar. Quando um grão de areia penetra no interior da concha, essas células começam a trabalhar, cobrindo o grão de areia com camadas e mais camadas de nácar, para proteger o corpo indefeso da ostra.

Como resultado, uma linda pérola vai se formando. Uma ostra que não foi ferida não produz pérolas. É por isso que a pérola é como uma ferida cicatrizada...

Você já se sentiu ferido pelas palavras rudes de alguém?

Já foi acusado de ter dito coisas que não disse?

Já recebeu o troco da indiferença?

Suas ideias já foram rejeitadas ou mal interpretadas?

Cubra suas mágoas com várias camadas de amor!

Não guarde ressentimentos ou ódio. Resolva as diferenças com palavras carinhosas, sorrisos e gestos fraternos.

Infelizmente, são poucas as pessoas que agem assim. A maioria aprende apenas a cultivar ressentimentos, deixando as feridas abertas. Alimentam-nas com vários tipos de sentimentos pequenos, não permitindo que cicatrizem.

Assim, na prática, o que vemos por aí são muitas “ostras vazias”. Não porque não foram feridas, mas porque não souberam perdoar, compreender e transformar a dor em amor.

Perdoe, releve, não aumente pequenas feridas. Muitas vezes as feridas são necessárias para crescermos e conquistarmos valores importantes em nossas vidas – nossas pérolas.

Para cicatrizar uma ferida, um sorriso, um olhar, um gesto, na maioria das vezes, fala mais que mil palavras.

Cultive suas pérolas – com alegria!

Pirkê Avot

Capítulo I, Mishná V

A Guemará nos diz que uma pessoa que quer ser “chassid” – bondoso – que está um degrau acima do “tsadic” – justo – deve cumprir tudo o que está escrito na “Ética dos Pais”. Assim, esta seção traz, de forma simples, a sabedoria da Mishá por meio dos maravilhosos conselhos do “Pirkê Avot”.

Rabino Ari Friedman

Yossi ben Yochanan ish Yerushaláyim omer yehi vetechá patúach lrvachá veyihyu aniyim benê vetecha veal tarbê sichá im haishá, beishtô ameru cal vachômer beêshet chaverô; mican ameru chachamim, col zeman sheadam marbê sichá im haishá gorem raá leatsmô uvotel midivrê Torá vessofô yorësh Guehinam.

“Yossi ben Yochanan, da cidade de Jerusalém, disse: Que sua casa esteja plenamente aberta; sejam os carentes parte de sua própria família; E não converse excessivamente com a mulher. Isto foi dito em relação à sua própria mulher, quanto mais sobre a mulher dos outros. Baseados nisto, nossos sábios disseram: Todo aquele que conversa excessivamente com mulheres faz mal a si próprio, desperdiça seu tempo de estudo de Torá e está fadado a um lugar no Guehinam (inferno).”

Esta *mishná* trata sobre *chêssed*, bondade, e nos ensina lições a respeito de *guemilut chassadim*:

“Que sua casa esteja plenamente aberta”

O significado simples desta frase é que nossas casas devem estar realmente abertas às pessoas que precisam, e devemos servi-las com abundância, dando-lhes tudo o que necessitam.

Já o *Rabênu Yoná* explica de outro modo. Ele diz que a tenda de Avraham, nosso patriarca, era aberta aos quatro pontos cardeais. Tinha uma porta em cada lado da casa, para que fosse fácil ao visitante entrar e não precisasse dar uma volta. Assim também deve ser a nossa casa, sempre aberta de todos os lados. Por isso, a *Mishná* usou o termo “plenamente aberta”.

“Sejam os carentes parte de sua própria família”

A *Mishná* nos chama a atenção de que não basta ajudarmos o carente fora de casa e nunca recebê-lo. Existe certo egoísmo no fato de que algumas pessoas estão dispostas a dar *tseda*-

cá (ajuda financeira) na sinagoga ou em instituições, mas receber o pobre em casa, já não aceitam. “Tudo bem ajudá-los, mas que atrapalhem nossa privacidade, nossa vida particular, isto não!” Então a *Mishná* nos diz que temos de receber os pobres em casa e, ainda mais, tratá-los e fazê-los sentirem-se como se fossem mais um dos membros de nossa família.

Outra vantagem de acolher os rabinos ou pobres em casa é para a educação dos filhos. É muito importante que as crianças vejam o pai recebendo um pobre ou um rabino em casa e ajudando-os, dando *tsedacá* para eles. É o único modo de elas aprenderem.

Conta-se uma história sobre o Chafets Chayim que comprova este assunto. Havia uma cidade na qual muitos rabinos e pessoas necessitadas passavam para pedir dinheiro para alguma causa. Os moradores da cidade, para evitar que essas pessoas ficassem batendo em suas portas o tempo todo, decidiram nomear alguém como *gabay* (coletor) de *tsedacá*, que seria encarregado de juntar o dinheiro dos ricos da cidade. Aqueles que precisassem se dirigiriam a esse *gabay* e ele lhes daria a quantia necessária.

O Chafets Chayim, ao ouvir isso, ficou muito irritado. Ele disse que nunca deveriam fazer isto. Mas por que não? A priori parecia uma ideia muito boa! O Chafets Chayim explicou que existe uma grande vantagem para os ricos (aqueles que não estudam tanta *Torá*) em receber os rabinos em casa, pois escutam algumas palavras de *Torá* e aprendem deles.

Por outro lado, é muito desagradável para o rabino ter de ficar indo às casas dos outros e pedir dinheiro. A verdade é que D’us fez assim exatamente por esse motivo. Quando o

rabino entra na casa de um rico, ele logo fala alguma palavra bonita ou age de uma boa forma e assim o rico pode aprender dele.

Não apenas isto, disse o Chafets Chayim, mas também para que as crianças vejam o seu pai recebendo o rabino ou o pobre em casa, e aprendam como receber visitas, como ajudá-las e como fazer que se sintam bem. Se instituíssem um *gabay*, como sugeriram os moradores, os mais abastados perderiam toda essa oportunidade!

Não só dinheiro devemos oferecer em nossas casas àqueles que precisam de ajuda, mas também apoio moral. Muitas vezes alguém liga perguntando se pode vir em casa conversar conosco, e nós respondemos: “Não precisa vir não, pode falar pelo telefone.” Isto não está certo! Pode ser que custou muito à pessoa criar coragem e ligar! Devemos recebê-la em casa com um grande sorriso e ajudá-la o máximo que pudermos.

O *Rabênu Yoná* traz mais uma explicação incrível. Quando recebemos pobres em casa, muitas vezes não damos para eles do bom e do melhor que temos. Por que dar carne, que é mais cara, se podemos dar frango, que também é bom – e a carne guardamos para a nossa família! Diz o *Rabênu Yoná* que a *Mishná* nos ensina que temos de tratar os pobres ou visitas da mesma forma que tratamos as pessoas de nossa casa e nossa família. Temos que dar para eles do bom e do melhor, da mesma qualidade que utilizamos para nós mesmos. Deixar a geladeira “aberta” para eles. Enfim, fazer com que se sintam como se fossem realmente um de nós!

Ao tratar deste assunto, não podemos deixar de citar a história do

Rabino Chayim de Brisk (Rabino Chayim Soloveitchik, Lituânia, 1853–1918). É sabido que sua casa não possuía chaves e que todo aquele que quisesse, podia entrar e servir-se. E assim realmente acontecia: as pessoas entravam, dormiam, comiam, liam, como se fosse a casa deles de fato!

Perguntaram ao rabino por que ele tinha uma porta, se não tinha a chave? Que deixasse a casa sem porta e pronto! O *Rav Chayim* respondeu que, por ele, realmente a casa poderia ficar sem a porta, mas de acordo com o Rambam, uma casa sem porta não exige que se coloque uma *mezuzá* no batente. Vejam que incrível: somente para poder colocar a *mezuzá* de acordo com a opinião do Rambam é que ele mantinha a porta!

Sua hospitalidade chegava a tal ponto que seu filho, o Rabino Yitschac Zeev (conhecido como Hagriz – Lituânia e Israel, 1889–1959), contou que muitas vezes chegava em casa e sua cama já estava ocupada por alguém! E até com o próprio *Rav Chayim* isto acontecia, obrigando-o a dormir sentado numa cadeira ou no chão!

É claro que isto está muito longe de nossa realidade, mas precisamos aprender desses atos tão grandes e, cada um de nós, tentar fazer o melhor que pode em sua vida particular. Sem dúvida, eles cumpriam esta *mishná* literalmente: “Que sua casa esteja plenamente aberta e sejam os carentes parte de sua família”.

O Rabino Yitschac Zeev contou também que certa vez bateram à porta da casa de seu pai às duas da manhã. Era a vizinha que fora pedir uma caneta para poder assinar e finalizar o noivado de sua filha que acontecia àquela hora. *Rav Chayim* emprestou. Às quatro da manhã novamente bate-

ram na porta. Era a vizinha que agora fora devolver a caneta.

Quando o Rabino Yitschac Zeev contou esta história aos seus alunos, perguntou: Podemos entender por que foram pedir a caneta às duas da manhã, afinal, precisavam assinar o documento de noivado. Mas não podiam esperar para devolver a caneta no dia seguinte? Precisavam bater na casa do rabino às quatro da manhã? A resposta é que eles sabiam que na casa do *Rav* Chayim não havia horários: duas, quatro ou dez da manhã dava no mesmo! Ela estava aberta o tempo todo para quem precisasse.

Há mais um ponto sobre a *mitsvá* de *hachnassat orechim* – receber pessoas. Muitos deixam de convidar alguém por acharem necessário preparar coisas especiais para os convidados. Esta *mishná* nos diz que os convidados devem ser como os moradores da sua casa: o que é bom para vocês, é bom para todos, não precisa ser especial.

O *Midrash* em *Bereshit* conta que receber visitas é uma *segulá* para ter filhos. Certa vez viajei à Bélgica para visitar um grande rabino, conhecido como *Rebe* Yankele, para pedir uma *berachá* (bênção) para ter filhos. O *rebe*, ao ler o papel com o meu nome e o pedido, perguntou: “Ari, você recebe visitas em casa?” Respondi que sim. Continuou o *rebe*: “Você sabe que essa é uma *mitsvá* muito importante? É maior do que o estudo da *Torá*!” Sobre isto não respondi que sim, afinal sabemos que há uma *mishná* que diz que o estudo da *Torá* é equivalente a todas as outras *mitsvot* juntas! Mas entendi o recado. *Rebe* Yankele estava dizendo que eu deveria melhorar na *mitsvá* de receber visitas para alcançar o mérito de ter filhos.

Conta-se sobre o Rabino Isser Zalman Meltser (Bielo-Rússia e Israel, 1870-1953) que, em sua época, o governo lituano havia ordenado às *yeshivot* que estudassem também matérias laicas em seu currículo. A *yeshivá* do Rabino Isser Zalman não mudou sua rotina e continuou lecionando somente *Torá*. O governo, ao perceber isto, mandou fechar a *yeshivá*. O Rabino Isser Zalman não tomou conhecimento e continuou com os estudos. Algum tempo depois, alguém denunciou a *yeshivá* e policiais foram prendê-lo.

A caminho da prisão, o Rabino Isser Zalman avistou um rabino de outro local que, a cada vez que viajava para a Lituânia, ficava em sua casa. Este rabino estava chegando para passar algum tempo na Lituânia. Ao ver seu amigo, o Rabino Isser Zalman pediu aos policiais: “Por favor, me dêem um minuto só, podem vir comigo, não vou fugir!” Os policiais concordaram e o Rabino Isser Zalman foi conversar com aquele rabino para dizer-lhe que ficasse novamente em sua casa. Por mais fantástico que pareça, mesmo a caminho da prisão, o Rabino Isser Zalman Meltser não quis perder a oportunidade de cumprir a *mitsvá* de receber visitas!

Nossos livros sagrados explicam que essa *mitsvá* é tão grande que devemos até fazer *messirut nêfesh* por ela. Conta-se sobre o “Granat”, Rabino Naftali Trop (Polônia, 1871-1930), que certa vez sua mãe não quis receber em casa uma pessoa que tinha fama de ladrão. O Rabino Naftali disse a ela que não era correto rejeitar uma *mitsvá*, mas que poderiam ficar mais vigilantes para que a visita não roubasse nada. O mesmo aconteceu em outra oportunidade com uma visita que possuía uma doença contagiosa. ■

Albert Choueke e família

Parabenizam a Congregação Mekor Haim pelo belíssimo trabalho de divulgação da nossa sagrada *Torá*

David Abadi e Família

Desejam muito sucesso material e espiritual para toda a *kehilá*.

Menahem S. Khafif e Família

Desejam muito sucesso para a Congregação em todos os seus empreendimentos.

KADUR
by Optimist

Deseja sucesso para toda a *Kehilá*!

www.kadur.com.br

Nobres Condutas

Rabino I. Dichi comentando “Hilchot Deot” do Rambam

Rabino I. Dichi

Conduta do talmid chacham

Da mesma forma que um sábio é reconhecido por sua erudição e mentalidade, também o é por sua conduta, seu caráter, suas qualidades e principalmente por suas atitudes. Escreve o Rambam:

Ele é reconhecido pela maneira como se alimenta; desde o que come e como come, como se senta à mesa, como e o quanto bebe (sem se embriagar).

Por seu relacionamento com sua esposa.

Por seu comportamento até quando está sozinho, no toalete.

Por sua fala; de como ele se diferencia por usar palavras refinadas (não que seja um orador, mas que tenha bons modos e seja gentil ao falar).

Por sua maneira de andar.

Por suas vestimentas.

Por pesar suas atitudes, suas palavras.

Pela maneira como conduz seus negócios e como lida com seus sócios, clientes ou empregados.

Essas atitudes devem ser muito agradáveis e corretas. E para um sábio elas nunca são em demasia.

Um *talmid chacham* não pode ser um glutão. Mais propriamente deve escolher alimentos bons para sua saúde sem empanturrar-se. Aos que exageram na comida, comem e bebem fartamente, explicam nossos sábios, que estas são pessoas que fazem de todos os dias uma festa. “Vamos comer e beber, porque amanhã morreremos” (*Yeshayáhu* 22:13). Essa conduta não é a daqueles que estão no

caminho certo.

Um sujeito sábio consegue dosar sua alimentação. Come o estritamente necessário para sobreviver. “O *tsadik* come para poder sustentar seu corpo”, diz Shelomô *Hamêlech* em (*Mishlê* 13:25).

Quando o sábio come o pouco que lhe é devido, ele deve fazê-lo apenas em sua própria casa, à sua mesa. Ele não deve comer em uma loja ou no mercado, a menos que haja uma necessidade muito premente. Isso para que ele não se deprecie perante as criaturas.

Ele não deverá comer junto aos não estudados, nem às mesas que não estejam limpas e asseadas. Ele não fará suas refeições com frequência em outros lugares, mesmo na companhia de homens sábios; nem deve comer onde há uma grande aglomeração.

Não é apropriado que ele coma à mesa de outra pessoa, exceto em uma refeição associada a uma *mitsvá*, como uma festa de noivado ou casamento – e neste caso, quando um sábio está se casando com a filha de um sábio.

Os justos e os piedosos dos tempos de outrora nunca participaram de uma refeição que não fosse sua. Esta conduta é exclusiva de pessoas diferenciadas conforme consta na *Guemará* (*Chulin* 7b).

Quando um sábio beber vinho, beberá apenas o suficiente para auxiliar a digestão.

Todo aquele que se embebeda está pecando, se depreciando e prejudicando sua sabedoria. Se ele se embriaga diante de pessoas não estudadas (ignorantes em sabedoria de *Torá*), ele está profanando o Nome de D’us.

É proibido beber até mesmo uma pequena quantidade de vinho nas horas da tarde, a menos que o vinho seja tomado junto com alimentos. Pois a bebida que é tomada junto com a alimentação não é inebriante. Somente o vinho após a refeição deve ser evitado.

Conduta correta na intimidade do casal

Embora a mulher casada seja sempre permitida a seu marido – evidentemente somente ao cumprir as leis de *Taharat Hamishpachá* – é apropriado que um sábio se comporte com santidade. Diz o Rambam que ele deveria limitar suas relações a uma vez por semana, da noite do *shabat* à próxima noite do *shabat*, se ele tiver o vigor físico.

Hoje em dia nossos legisladores recomendam duas vezes na semana. De acordo com a *Torá*, já que o marido tem a *mitsvá* de “*onata lo yigrá*” – não reduzir suas obrigações conjugais para com sua esposa – ele deverá cumprir esta *mitsvá* ao menos na noite da *tevilá* e todas as vezes que perceber que sua esposa está interessada nesta *mitsvá*; como por exemplo, quando ele notar que ela está vestida de modo a chamar a atenção dele, ou ainda na noite que antecede sua viagem.

Ele não deverá ter relações íntimas no início da noite, quando está saciado (e sua barriga cheia), nem no final da noite, quando já estiver com fome. Mas sim, no meio da noite, quando já tiver digerido o que comeu.

Ele não deve ser leviano, nem deverá aviltar seus lábios com conversas fúteis, até mesmo com sua esposa. Eis que o profeta anunciou (*Amós* 4:13): “...(Hashem) declara ao homem como ele deve falar”. Nossos

Sábios nos explicam que até mesmo sobre uma conversa leve e descontraída que um indivíduo tiver com sua esposa, ele terá de prestar contas no futuro.

(No momento das relações), não devem estar embriagados, nem apáticos, ou tensos; nenhum dos dois. Ela não pode estar dormindo, e ele não deve forçá-la – contra a vontade dela. Pelo contrário, (as relações devem ocorrer) em meio à vontade e o consentimento mútuos e com alegria. Ele deverá conversar um pouco com ela e afagá-la, para que ela fique relaxada. Ele deve ser íntimo (com ela) de forma modesta – não com ousadia.

Todo aquele que se conduz desse modo não apenas santifica sua alma, purifica-se e aperfeiçoa seu caráter; mas, além disso, se ele tiver filhos, eles serão belos e modestos, dignos de sabedoria e piedade.

Em contrapartida, aquele que se conduz nos costumes do restante das pessoas, que caminham na escuridão, terá filhos como o são essas pessoas.

Discrição até mesmo a sós

Neste parágrafo, o Rambam orienta qual deve ser nossa conduta quando estamos sós. Não devemos revelar as partes que devem ficar cobertas nem mesmo em lugares absolutamente privados. Ele diz que devemos ser discretos até mesmo no toalete. Portanto, só devemos nos despir quando isso for, de fato, necessário, como na hora do banho, por exemplo. Também não se deve conversar quando estiver fazendo suas necessidades fisiológicas, mesmo no caso de ser extremamente necessário. De uma forma geral deve-se evitar conversar no toalete.

Nestas sequências, o Rambam

trata da conduta de um *talmid chacham*. Mas o leitor mais atento perceberá que esse comportamento não deve ficar restrito a um estudioso de *Torá*, mas deve ser adotado por todos: homens, mulheres, jovens ou idosos.

Baixar o tom

O *talmid chacham* não deve gritar, nem mesmo levantar a voz, quando estiver conversando. Deve falar com as criaturas calmamente. “Que não grite como gritam os animais”, acrescenta o Rambam.

Ao conversar que o faça com tranquilidade, sossego, em voz baixa, com um vocabulário adequado e de maneira apropriada. Quem está acostumado a comunicar-se falando alto, deve esforçar-se para mudar. Que passe a baixar o tom da voz e a falar de modo sereno.

No *Pirkê Avot*, está escrito: “As palavras do sábio são ouvidas, porque são ditas com tranquilidade”.

Se para um homem não é adequado gritar, muito menos o é para uma mulher. Assim, compreendemos que todo o nosso trabalho neste mundo é ter autocontrole. O *Gaon* de Vilna *z'l* escreve que a principal tarefa do indivíduo no *Olam Hazê* (neste mundo) é trabalhar seus traços de caráter. Caso contrário, que justificativa tem sua vida, se o sujeito não estiver aqui para refinar suas *midot*?

Nos conceitos da *Torá*, não é aceitável a alegação: “Eu sou assim e pronto”. Ouvimos várias vezes, pessoas lançando mão desse argumento para não ter de aprimorar suas *midot*. Ora, o indivíduo pode até “ser assim”, mas *Hashem* lhe deu instrumentos, ferramentas e capacidade para que se aperfeiçoe, tornando-se mais calmo e equilibrado.

Não se deve elevar o tom de voz.

A fala deve ser suave para com todas as pessoas. Não devemos fazer diferença na maneira de nos expressar diante daqueles que julgamos serem mais ou menos importantes. A conduta deve ser igual, em relação a todos.

Também há o perigo de que a pessoa vá para o outro extremo, falando muito baixo. O Rambam observa que não é isso o que está sendo orientado aqui. Se o indivíduo agir assim, vai parecer um sujeito orgulhoso, que não consegue nem falar. Mais uma vez, é preciso encontrar o ponto de equilíbrio. Aliás, como temos visto, ele é necessário em todas as nossas condutas.

Tratar bem a todos e julgar favoravelmente

O Rambam menciona a importância de antecipar-se, tomar a dianteira ao cumprimentar as pessoas. *Rabi Yochanan* disse que nunca ninguém conseguiu cumprimentá-lo antes que ele o fizesse. Ele ainda acrescentava que essa atitude deve se estender a um não *yehudi*, que também merece a nossa educação e respeito.

“*Shalom*” (saudação em hebraico) é um dos nomes de *Hashem*. Cumprimentar os outros é uma maneira de manter um convívio saudável. É a conduta de alguém educado e ético, que não faz diferença se o outro é mais ou menos influente ou admirado. Há pessoas que se impressionam com o grau de importância de alguém, mas o comportamento deve ser o mesmo para com todos, pois os seres humanos foram criados à Imagem Divina. Todos devem ser respeitados.

Podemos testar nossas *midot* quando temos de lidar com nossos “subordinados”. Não é nenhu-

ma glória que se seja educado ou se fale bonito com pessoas para com as quais se deseja parecer assim. Nosso teste é quando estamos diante, por exemplo, das pessoas que trabalham para nós, em nossa casa. Devemos saber tratá-las corretamente, respeitosamente, sem levantar a voz. É assim que comprovamos e avaliamos nossas características.

É importante cumprimentar todas as pessoas para que elas nos vejam com bons olhos, que o espírito delas fique tranquilo em relação a nós. Que sempre julguemos toda e qualquer pessoa de modo favorável, especialmente quando todas as suas atitudes sempre tenderem para esse lado. E, mesmo que a lógica leve para o lado oposto, é preciso julgá-la de forma benigna, segundo nos ordena a *Torá*. No caso de alguém, cujas atitudes se revezam entre positivas e negativas, ainda assim, é necessário que o julguemos em seu favor.

Virtudes, nervos à flor da pele e promessas

Deve-se sempre falar das qualidades do outro, e não de seus vícios. Isso é uma prática que, infelizmente, os indivíduos deixam de lado, aproveitando toda e qualquer ocasião para criticar os defeitos dos outros. Isso não é correto. Pelo contrário – devemos olhar para as pessoas tentando entrever suas virtudes, seus pontos positivos.

É necessário que gostemos e persegamos a paz (*shalom*).

Caso alguém esteja falando e perceba que, com seu discurso, está beneficiando as pessoas, que continue. De outra maneira, se perceber que suas palavras não estão sendo ouvidas, é preferível optar pelo silêncio.

Não adianta se aproximar da pessoa que está zangada, no auge de

sua ira, e tentar acalmá-la. Isso só vai irritá-la ainda mais. “Não procure agradar seu amigo quando ele estiver encolerizado”, diz o *Pirkê Avot*.

Alguém escuta um indivíduo fazer uma promessa. Sabendo que isso não é correto – “é melhor que você não faça promessas, do que o contrário”, ensinam nossos *chachamim* – não adianta dissuadi-lo de seu propósito logo em seguida de ele tê-lo feito. Ele não aceitará procurar três *chachamim* e desfazer seu compromisso. É preciso esperar um pouco e conversar com ele mais tarde, tentando convencê-lo a anular sua promessa.

Também de nada adianta tentar consolar alguém quando ele acabou de perder um ente querido – especialmente quando o morto ainda não foi enterrado (no funeral, por exemplo), dizendo: “Não chore”. Isso só o deixará ainda mais aborrecido e triste. Antigamente, as pessoas iam à casa dos enlutados apenas três dias após o sepultamento. Tudo para que tivessem tempo de se acalmar, de se recuperar da perda. Hoje, a *halachá* permite que se visite já no primeiro dia do luto, mas é preciso saber como se comportar nesse momento. E o silêncio é o melhor companheiro nessas visitas.

Diz o Rambam: Eu trouxe perante vocês alguns exemplos de como agir com os outros em determinadas situações – perda de um ente querido, cólera, promessa, etc. A vida é repleta de casos assim, nos quais é preciso saber agir. Para isso, a pessoa deve ter uma mente sã, sóbria, para poder escolher a atitude correta em cada situação. Não deve manter o conhecimento, a sabedoria, somente no nível intelectual, mas levá-los até o coração, à sua sensibilidade, ao seu íntimo. ■

Viduy de Yom Kipur

Rabino I. Dichi

A Confissão

Além do *Viduy* convencional, recitado por nós todos os dias após as orações de *Shachrit* e *Minchá* (exceto nos dias em que não se diz *Tachanun*, como *Shabat*, *Yom Tov*, *Rosh Chô-desh*, etc.), existe um *Viduy* mais abrangente, recitado pelo público nas orações de *Yom Kipur*.

Abordaremos a seguir um destes textos de *Viduy* proferido no *Yom Kipur*, no qual em cada item estão englobados outros itens.

Em *Yom Kipur*, o *Viduy* (confissão verbal) é dito dez vezes. Ele foi feito para nos ajudar a lembrar das *averot* cometidas e, mais ainda, para elencar todo o tipo de erro que pode ser praticado pelo homem (seja nesta vida ou em vidas anteriores). Sua composição segue a ordem das letras do *alef-bêt*, iniciando-se com *ashámnú* (com *álef*) e terminando com *tiatánu* (com *tav*). Este *Viduy* é proferido no plural, pois “*Yisrael arevim zê lazê*” – somos responsáveis uns pelos outros. Muitas vezes teríamos de alertar o próximo, e quando não o fazemos, arcamos com a consequência de seu erro (vide “*Ben Ish Chay*”, *Parashat Ki Tissá*, parágrafo 1) 1.

Tendo como base a obra “*Chayê Adam*”, do *Rabi Avraham Danzig* (5508–5580), analisaremos a seguir cada passagem do *Viduy*.

אשמנו

Ashámnú somos culpados, pecamos

Em virtude do nosso pecado, seria correto

que a nossa *neshamá* ficasse vazia, sem conteúdo.

Aqui neste item, estão englobados muitos outros itens, como por exemplo, “comemos alimentos proibidos (não *cashér*) pela *Torá*”.

O *Chayê Adam* cita algumas observações sobre o pecado de comer algo proibido pela *Torá*. Segundo ele, é praticamente impossível não ingerir *tolaim* (insetos e vermes) presentes em verduras, frutas e outros alimentos que pensamos estarem *cashér* mas, depois, descobrimos que não estavam. Aqueles que comem algo sabendo que se trata de um alimento com alto índice de *tolaim*, é como se pecassem propositadamente. Há que se zelar tanto neste ponto, que o *Chayê Adam* chama a atenção até para o cuidado com as peneiras de ferro, usadas antigamente nas mercearias e quitandas para peneirar a farinha, por exemplo, e que, como não podiam ser devidamente higienizadas, costumavam acumular *tolaim*.

Ainda neste item, acrescenta-se a confissão pela ingestão de algo sem suas devidas *berachot* – anterior e posterior (a *berachá acharoná* só é recitada quando a quantidade ingerida for igual ou maior que 1 *cazáyit* de sólidos ou 86ml de líquidos). A *berachá* é a licença que se pede a *Hashem*, Criador de todo o Universo, para se consumir o que Ele colocou no mundo. A *berachá* posterior é dita em agradecimento a isso.

בגדנו**Bagádnu traímos Hacadosh****Baruch Hu**

Não fomos gratos a Ele, que diariamente nos dá vida e sustento. Além disso, traímos nossos colegas que foram bons conosco, não retribuindo seus favores com a mesma moeda. Sobre as qualidades das pessoas, *Rav Yisrael Salanter* afirma que a maneira como o indivíduo trata um semelhante é a mesma que ele trata *Hashem*. Não há possibilidade de diferenciação entre o modo de agir com *Hashem* e com os seres humanos.

Nesta categoria também se incluiu, obviamente, o adultério. Caso a pessoa tenha se envolvido com uma mulher proibida, deve confessar o ato expressamente. O Chayê Adam diz que devemos citar esse erro mesmo sem nunca tê-lo cometido, assim como todos os demais pecados. Ninguém pode garantir que não cometeu determinado erro em outra encarnação e está aqui para fazer seu *ticun*, sua reparação (vide nota 1 de rodapé, em nome do livro *Chessed Laalafim*, citado pelo Ben Ish Chay).

Entre outras infrações incluídas neste item “*bagádnu*” estão: deixar de estudar a *Torá* (assim como o ser humano não pode viver sem água, não pode viver sem estudar *Torá*), recitar *berachot* em vão, desnecessariamente ou sem *cavaná* (concentração) e não recitar o *Keriat Shemá* dentro do prazo correto.

Deixamos de cumprir *mitsvot assê* e transgredimos *mitsvot lô taassê*.

גזלנו**Gazálnu roubamos**

O profeta Mal’achi (cap. 3), em nome de *Hashem*, diz: “Vocês me

roubaram”, referindo-se ao *maasser* (donativo correspondente a 10% do total de seus lucros). Quem não tira o *maasser* é como se estivesse roubando o próprio pai (*Hacadosh Baruch Hu*) e a mãe (*Kelal Yisrael*).

Aquele que come sem fazer *berachá* também age como se estivesse roubando algo que não lhe pertence. Quando a pessoa faz uma *berachá* antes de comer, atrai a abundância de *Hacadosh Baruch Hu* ao mundo. Quando não o faz, obstrui a passagem dessa bênção de sustento ao Universo, prejudicando (como que “roubando”) todo *Am Yisrael* e os demais povos.

Neste trecho do *Viduy* há várias transgressões; primeiramente, a questão do roubo, seguida pela do *maasser* e a das *berachot*. Observa o Chayê Adam que, quando se tem uma lista de várias *averot* (pecados) e, dentre elas, figura o roubo, esta é a que acaba pesando mais no julgamento da pessoa.

No item *gazálnu* também está incluído o orgulho, característica que *Hashem* repudia. O orgulhoso afasta a *Shechiná* (a Presença Divina).

דברנו דופי**Dibarnu dôfi falamos uma coisa e pensamos outra**

Falamos algo com hipocrisia, tendo outra intenção, com “duas bocas”.

Nem sempre a pessoa fala aquilo que pensa. Automaticamente, isso também entra no conceito de palavras falhas, pois não existe uma concordância entre a boca e a mente. Dôfi quer dizer defeituoso e “duas bocas” (du pi). O Chayê Adam ainda afirma que quem age desta maneira é como se insinuasse: “De que adianta servir *Hacadosh Baruch Hu*?”.

Trata-se de uma citação totalmente errada e defeituosa.

Dentro deste item, a pessoa confessa que falou palavras à toa, *Lashon hará* (maledicências, como calúnias, intrigas e difamações), mentira, foi bajuladora. São todas ferramentas com as quais enganamos os outros, ocultando nossas reais intenções e nossos sentimentos. Quando a pessoa bajula, ela tira de si o jugo de *Hashem* e submete-se ao jugo de seres humanos.

Palavras de baixo nível também são totalmente repudiadas.

Nossos *chachamim* alertam sobre a necessidade de a pessoa se expressar, constantemente, num nível puro, limpo. Palavrões e zombarias são extremamente negativos para quem fala e para quem ouve (em qualquer idioma).

Como podemos perceber claramente se alguém se expressa de forma correta? Observando-o num momento de nervosismo. Se nesse instante ele falar de maneira apropriada, então é dono de um vocabulário nobre e de *midot* (características) positivas. Caso contrário, não.

Os indivíduos que não fazem bom uso de seu poder da fala estão também afastando a presença da *Shechiná*.

O Chayê Adam explica que a boca, a língua, os lábios e os dentes, necessários para que a pessoa fale, correspondem às quatro vestimentas do *cohen gadol* no *Yom Kipur*. Essas roupas deveriam ser imaculadamente brancas. Se não estivessem limpas, não poderiam ser usadas. Assim também, nossa boca, língua, lábios e dentes devem estar livres de *lashon hará*, palavras de baixo nível, zombarias.

Nossa boca é a ferramenta utilizada para nos dirigirmos a *Hashem*

em nossas *tefilot*. Ela deve permanecer sempre com o máximo de pureza. Para alcançarmos este objetivo, devemos ter em mente que a boca deve ser um advogado da pessoa, e não um promotor perante o Criador.

העוינו

Heevínu distorcemos aquilo que era reto

Levamos outros à transgressão. Por nossa culpa, pessoas boas acabaram se desviando do caminho e cometendo *averot*. Influenciamos outros para o mal, seja com atos ou com palavras. Transmitimos a *halachá* de forma errônea e, por isso, outras pessoas cometeram erros. Desperdiçamos nosso sêmen desnecessariamente; permitimos que nosso órgão genital ficasse ereto em momento que não era o da *mitsvá*; tivemos maus pensamentos; olhamos o que nos é proibido; observamos mulheres por prazer; levantamos a mão contra o próximo; envergonhamos o próximo.

והרשענו

Vehirshánu fizemos outros pecarem

Outras pessoas se tornaram *reshaim* com o nosso incentivo, por nosso intermédio.

זדנו

Zádnú pecamos de maneira intencional

Para justificar nossos atos errados, somos capazes de inventar e apegarmo-nos a argumentos e explicações filosóficas. Com isso, ficamos propensos a errar novamente.

Desprezamos *Shabatot* e *Yamim Tovim*; desprezamos o pai e a mãe; desprezamos os estudiosos da *Torá*.

חמסנו

Chamásnú tomamos algo do outro, mesmo com a intenção de pagar

A definição mais estrita de *chamás* é a seguinte: quando alguém tem um objeto, mas não quer vendê-lo, e um indivíduo tira-o dele à força, mesmo pagando pelo objeto. Isto é extorsão. Pegamos coisas que não nos foram dadas de bom grado, tirando vantagem dos mais pobres e fracos. Profanamos *Shabatot* e *Yamim Tovim*; profanamos o nome de *Hashem*.

טפלנו שקר ומרמה

Tafálnú sêhker umirmá forjamos mentiras e enganamos

Unimo-nos àqueles que pecam, mesmo quando não pecamos. O fato de acompanhá-los também é proibido, e a punição de quem segue o pecador é a mesma que a do próprio pecador.

יעצנו רע

Yaátsnú rá demos conselhos errados

Demos conselhos ruins a alguém de forma voluntária, para vê-lo tropeçar ou para tirar um proveito pessoal da situação.

Aqui também está incluída a proibição de ficar a sós com qualquer mulher acima dos três anos de idade, que não seja esposa, mãe, avó paterna ou materna e filhas (Seja ela *yehudiyá* ou não, casada ou não).

Vale ressaltar que a proibição de ficar a sós com uma mulher vigora mesmo no caso de os indivíduos não terem sequer se tocado fisicamente. As mulheres também devem se cuidar e guardar essa proibição. Estas leis são extensas e encontram-se no Shulchan Aruch Êven Haêzer, capítulo 22.

כזבנו

Kizávnu mentimos

É proibido mentir, seja para ter algum benefício ou não.

E qual é a gravidade da mentira? O mentiroso enquadra-se em uma das quatro categorias de “*sheenam zochim lir’ot penê Hashechiná* (*Sotá 42a*). Sobre isso, o Rabino Tsadok Hacoheh *zt”l* explica o seguinte, em seu livro *Tsidcat Hatsadik*: “Essas quatro categorias de transgressores perdem sua concentração na *tefilá* e no estudo da *Torá*”. As outras categorias que afastam a *Shechiná* (Presença Divina) são: mexeriqueiros, bajuladores e zombadores.

Neste item também está incluída a falha de se ficar nervoso. Sobre enervar-se, Shelomô *Hamêlech* diz (*Mishlê 29:22*): “*Ubáal chemá rav pasha*”. Deste *passuk*, “Um homem nervoso, muitos pecados”, entendemos que o nervosismo é muito grave porque leva o indivíduo a cometer muitos erros. Além do mais, podemos entender o final do *passuk*, “*rav pasha*”, como “um grande pecado”. Esta seria, então, uma alusão ao “grande pecado” de idolatria. O nervosismo é tão grave, que é comparado à idolatria.

לצנו

Látsnú zombamos

Esse é um dos quatro grupos que “*sheenam zochim lir’ot penê Hashechiná*”. Além disso, nossos sábios afirmam que “*Col hamitlotsets nofel baguehinam*” (Todo aquele que zomba acaba caindo no *Guehinam*).

Neste item estão incluídas também as proibições de vestir-se com roupa contendo mistura de linho e lã e a de atrasar no pagamento pelos serviços prestados por alguém.

מרדנו**Marádnú revoltamo-nos**

Esta linguagem é recitada de acordo com o *passuk* (*Yechezkel 20:38*): “*Hamoredim vehaposh'im bi*” (Esses que Me traíram e foram rebeldes contra Mim).

Há três tipos de pecados: *chet* (involuntário), *avon* (voluntário) e *peshá* (voluntário e de forma rebelde). Diz o Chayê Adam que há erros incitados pelo *yêtser hará* (má inclinação), chamados de *avonot*. Mas há os que se desviam sem o incentivo do *yêtser hará*, os pecados denominados de *peshaim*. São os que pecam de forma rebelde, porque não acreditam nas *mitsvot*.

נאצנו**Niátsnu provocamos (pecamos e, com isso, iramos o Criador)**

Por causa de nossos pecados, deixamos Hashem “nervoso”. E pobre do servo que irrita seu patrão.

Fizemos juramentos em vão (sem necessidade) e em falso (algo não verdadeiro); promessas não cumpridas – que é algo muito grave. É preferível que nunca se façam promessas. Caso o fizer, que o cumpra ou faça imediatamente *hatarat nedarim* (anulação das promessas), sem mesmo esperar *Rosh Hashaná* ou *Yom Kipur*. Ao prometer e não cumprir, a pessoa transgride duas *mitsvot*: 1ª) Como se construísse um altar. 2ª) Não pagar seu *nêder* (compromisso).

Aqui ainda se inclui a falha de obter proveito deste mundo sem fazer *berachá*. Diz a *Guemará* que quem come sem *berachá*, é como se roubasse Hashem e todo *Kelal Yisrael*, e é amigo de um “corrupto”. No caso, a referência de corrupto é *Yarov'am ben Nevat*, rei que levou uma boa parte de *Am Yisrael* a fazer *avodá zará* (idolatria).

סררנו**Sarárnú desviamo-nos**

Nosso coração se desviou do serviço a Hashem.

Diz o *navi* (*Yirmeyá 5:23*): “*Velaam hazê hayá lev sorer umorê*” (Este povo tinha um coração desviado e rebelde). *Sorer* refere-se ao não cumprimento das *mitsvot assê* (positivas) e *morê* refere-se a transgredir as *mitsvot lô taassê* (proibitivas).

עוינו**Avínu pecamos propositadamente**

Isto é uma referência a quem faz um pecado de propósito, para satisfazer seus desejos materiais.

פשענו**Pashánu pecamos com rebeldia**

Isto é uma referência a quem peca com rebeldia. Há dois tipos de rebeldes:

- 1) Aquele que acredita em *Hashem* e na *Torá*, mas, mesmo assim, rebela-se e não quer cumprir as *mitsvot*.
- 2) Aquele que é rebelde por descrever em Hashem.

צררנו**Tsarárnú oprimimos o próximo**

Isto se refere ao pecado de fustigar o próximo. Todos precisamos entender que há um limite até onde se pode abusar da paciência do outro.

קשינו עורף**Kishínu ôref teimamos**

É correto que o indivíduo ouça aquele que o repreende. Também é importante entender que, quando é castigado monetariamente ou fisicamente, precisa fazer *teshuvá* perante Hashem.

Os teimosos não optam pelo caminho correto. Insistem em permanecer no caminho errado, não recor-

rendo ao grande benefício da *teshuvá* e atribuindo as adversidades “ao acaso”.

“*Vehalachti imachem bachamat kêri*”, diz Hashem na *Torá* (*Vayicrá 26:28*) – Se vocês se comportarem Comigo como se as coisas acontecessem ao acaso, vocês também serão entregues ao acaso.

רשענו**Rashánu agimos de forma a nos considerarem malvados**

Tomamos atitudes incorretas e, por meio delas, nos tornamos *reshaim*. Por exemplo, aquele que levanta a mão contra o próximo, mesmo sem querer atingi-lo, já é considerado um *rashá*. Quem rouba também é chamado de *rashá* pela *Torá*.

שחתנו**Shichátnú corrompemos**

O Chayê Adam observa que o termo “corrupção” na *Torá* refere-se a tudo o que está ligado à depravação sexual e idolatria.

Também são considerados erros ligados à sexualidade, mesmo que o envolvimento não seja íntimo. Isso inclui beijar ou abraçar uma mulher alheia ou uma jovem solteira – todas as jovens são consideradas *nidá* a partir do primeiro ciclo menstrual.

Está incluído neste conceito quem passa por “acidentes noturnos” provocados por pensamentos impuros durante o dia. *Chachamim* nos ensinam (*Massêchet Avoda Zará 20b*) que os sonhos são produtos de pensamentos do dia: “*Shelô yeharher adam bayom veyavô lidê tum'a baláy-la*” (Não pense coisas proibidas durante o dia para não ver impurezas à noite). Mais grave ainda é quando o indivíduo desperdiça seu sêmen propositadamente.

Também há atitudes proibidas que

se assemelham à *avodá zará*: orgulhar-se, ficar nervoso e evitar dar *tse-dacá*, por exemplo.

תעבנו

Tiávnú cometemos atos perversos

Existem atitudes denominadas de abomináveis pela *Torá*. Quem pratica estas atitudes proibidas passa a ser chamado de abominável (*toevá*) perante *Hashem*.

Na *Torá* consta, por exemplo, o versículo (Devarim 14:3): “*Lô tochal col toevá*” (Não coma tudo o que é abominável).

A idolatria também é denominada de *toevá*, como consta (Devarim 7:26): “*Velo tavi toevá el betêcha*” (E não trará abominação à tua casa).

תעינו - Taínu erramos

Este é um termo bastante abrangente no *Viduy*. Refere-se ao fato de

que todos nós erramos, como um rebanho, porque não obedecemos o pastor – *Hacadosh Baruch Hu*. Pior do que isso: acostumamo-nos aos erros e afastamo-nos de *Hashem*, por exemplo, comendo alimentos proibidos, praticando *avodá zará*, etc.

A *teshuvá* faz o homem voltar à sua essência e retornar para o serviço a *Hashem*. Como diz Shelomô *Hamêlech* (*Cohêlet* 7:29): “*Levad reê zê matsáti asher assá Haelokim et haadam yashar vehema vicshu chishevonot rabim*” (*Hashem* fez o homem reto, mas eles procuraram vários outros caminhos).

Não andamos pelo caminho correto. Por isso, Você, *Hashem*, não nos auxiliou a fazer *teshuvá*.

Conforme explicam nossos sábios, “*Habá litaher messayein otô*” (Todo aquele que quer se purificar, *Hashem* o auxilia) “*Vehabá litamê potchim lô*” (E todo aquele que quer se impurificar,

abrem-lhe as portas). Isso significa que dos Céus não protegem o indivíduo no sentido de ajudá-lo a fazer *teshuvá* até que a própria pessoa preste a devida atenção a seus atos tomando alguma iniciativa e, a partir daí, seja merecedora do auxílio de *Hashem*. *Hacadosh Baruch Hu* somente ajuda a pessoa a voltar quando ela se desperta.

ותענתו

Vetiatánu fizemos outros pecarem

Você, *Hashem*, deixou-nos optar, e acabamos escolhendo fazer o mal.

“*Sárnu mimitsvotecha umimishpatecha hatovim velô shavá lánu*” (Nós nos desviamos de Suas *mitsvot* e não nos valeu a pena). Se tivéssemos optado por algo parecido com Suas *mitsvot*, não seria tão ruim, mas escolhemos coisas completamente diferentes, que nos desviaram de Sua *Torá*. ■

keren Chai



“Acho o projeto sensacional, que além de ajudar os necessitados de forma honrosa, fortalece o ato de caridade, criando o hábito de se preocupar pelo próximo de forma constante. Chizku Velmztu!”

Mauricio Majtlis - Super K

“Acho o projeto muito interessante e me sinto honrada em poder participar e ajudar. É uma ideia simples e incrível! Parabéns!”

Renata Grosman - Colaboradora

“O projeto Keren Chai é super valioso para nossa comunidade. Através dele, famílias menos favorecidas podem continuar cumprindo a mitsva de comer Kasher, obtendo descontos nos supermercados e restaurantes kasher. E famílias mais favorecidas podem contribuir com uma grande mitsva de ajudar quem precisa mais. Parabéns pelo trabalho desse lindo projeto!”

Anônimo - Recebe descontos através do projeto

**Doe um POUCO e ajude MUITO!
Não fique de fora dessa MITSVA!**

Solicite seu cartão de doação:

projetoKerenChai.wix.com/kerenchai

projetoKerenChai@gmail.com



Sucot: A Importância da Paz

Rabino I. Dichi

“Que Ama a Paz e Persegue a Paz”

No *Pirkê Avot* consta que Aharon *Hacohen* “ama a paz e persegue a paz, ama as criaturas e as aproxima da *Torá*”. Ele se transformou em um símbolo de amor à paz e aos outros e, por causa disso, conseguiu aproximar muitos membros de Israel da *Torá*.

Também as “*Ananê Hacavod*” (Nuvens de Glória), que cercavam o acampamento de Israel no deserto, vieram por mérito de Aharon, conforme foi mencionado por nossos sábios em diversos lugares. Ao analisarmos o assunto, percebemos que também estas nuvens estavam ligadas à paz.

As nuvens delimitavam e protegiam o Povo de qualquer prejuízo, assim como a paz possui estas mesmas capacidades de ação espirituais. Ela permite que as pessoas morem juntas, adoça suas vidas e protege-as de qualquer desgraça e sofrimento que possam ocorrer quando ela está em falta.

“Não encontrou, o Eterno, um utensílio que contivesse a bênção, para Israel, exceto a paz” (fim da *mishná*, no Tratado de *Uketsin*). Assim como a discussão causa afastamento e destrói tudo, a paz age de modo inverso, juntando e ligando e, onde ela existir, encontraremos também a bênção.

A Verdadeira Paz

Hoje em dia, é muito comum falar sobre “paz” – entre países, entre partidos, etc. Escuta-se isso frequentemente e é possível se enganar – pensando que a paz a qual nossos sábios se referem é a mesma da qual tratam diversas nações – enquanto existe, na verdade, uma diferença colossal entre elas.

A paz entre os povos não decorre do amor à própria paz e amor às criaturas. Cada nação ama apenas a si própria e procura apenas o seu próprio bem. Então em determinadas situações para o seu próprio bem é indicado que não haja discussões e

guerras com as nações vizinhas e, portanto, elas preferem tratados e acordos.

Quando nossos sábios se referem à paz, eles têm em mente algo inteiramente distinto. Trata-se de um conceito elevado e importante, que merece ser prezado e perseguido. A paz é uma situação espiritual que traz bênçãos e contém em si capacidades espirituais importantes.

A paz se origina da plenitude e das virtudes. Ela provém do fato de cada um olhar positivamente para o outro, sentindo que este não toma seu lugar e não o atrapalha. No futuro, reinará a paz entre todos os elementos da Criação e mesmo os animais selvagens pastarão junto com os herbívoros de hoje. Entretanto, mesmo antes desta época maravilhosa é possível fazer com que a paz domine. Junto com ela, virá a grande bênção que sempre a segue.

Cada um pode contribuir para trazer a paz a seu redor, tanto em relação a seus amigos e conhecidos quanto a sua família. Cada indivíduo deve esforçar-se por construir a verdadeira paz em seu lar, paz verdadeira que trará grandes bênçãos para toda a família.

Às vezes, as pessoas se dirigem a pessoas de fora de sua família, para apaziguá-las, enquanto abandonam a paz do seu próprio lar. É necessário saber que a paz começa em casa do próprio indivíduo e cada um deve esforçar-se para que sua casa esteja completa antes que se ocupe com o benefício de seus semelhantes.

Uma Moradia Provisória

As vantagens de sair da residência fixa e segura para a *sucá*, que é provisória, estão também ligadas a este assunto.

A *sucá* indica que também este mundo é provisório, enquanto o verdadeiro “salão” se encontra no Mundo Vindeiro. O atual é apenas um corredor, no qual se avança de encontro à meta.

Eis que o motivo das grandes discus-

sões, brigas entre pessoas e litígios entre os povos é o desejo de expansão, aumento da força e da influência. Quando duas pessoas querem se expandir, cada uma às custas da outra, elas inevitavelmente se chocarão. Enquanto o indivíduo não estiver satisfeito com sua situação material, existe o risco de estourar a guerra.

Por outro lado, se cada um sente que este mundo é apenas um lugar de preparativos, sabendo que os outros não tirarão do que é seu e que, na prática, todos trabalham pela mesma meta – que é o engrandecimento da Glória Divina – todas as contendas cessarão.

No futuro, todos sentirão que ninguém reprime seus passos e invade o que é dele e sim o contrário: sua meta é ajudar, auxiliar e desenvolver. Então, reinará a verdadeira paz na Terra.

A Festa de Sucot

Estas conquistas espirituais da festa de *Sucot* podemos alcançar após os dias de julgamento e misericórdia: *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur*. Após coroarmos D’us em *Rosh Hashaná* e retornarmos em *teshuvá* e termos os pecados perdoados em *Yom Kipur*, há uma grande elevação espiritual. Sente-se que o Criador reina sobre tudo e que todos são Seus servos, cumpridores de Seus desígnios.

Consequentemente, quando chega a festa de *Sucot* e com ela o preceito de abandonar a casa e habitar em uma moradia provisória, isto é feito naturalmente. Sente-se que a meta deste mundo não é satisfazer os desejos do ser humano e, portanto, a ideia de viver em uma moradia provisória é mais facilmente aceita, assim como os valores a ela relacionados, que penetram melhor no coração.

“Para que saibam, suas gerações, que em *sucot* (cabanas) fiz sentarem os Filhos de Israel, quando os Tirei da Terra do Egito (*Vayicrá* 23:42). A lição do Êxodo do Egito, as bases da *emuná* dela aprendidas e a confiança em D’us, que

protege Seu Povo com as Nuvens da Glória, são interiorizadas com o cumprimento do preceito da *sucá*. Na *sucá* sentimos que nos encontramos na “sombra da *emuná*” (*tsila demehemenuta*), no lugar onde paira a Presença Divina.

Esta é também a hora propícia para receber os “*ushpizin*” – a visita de sete justos do Povo de Israel: Avraham, Yitschac, Yaacov, Moshê, Aharon, Yossef e David. Aquele que amplia sua casa e fortalece sua posição material, em prol do bem-estar físico, não deixa lugar para visitas que são inteiramente espirituais. O lugar delas é justamente em uma moradia provisória, que lembra as Nuvens da Glória que cercavam o Povo no deserto.

As Nuvens da Glória e o Cuidado Divino

Mais uma grande lição é aprendida das Nuvens de Glória. De acordo com nossos sábios, o deserto era perigoso tanto pelo solo e o calor quanto pelos inimigos e animais selvagens. Dentro destas nuvens, com as quais D’us cercou o Povo, nada disto os afetava, além de que o caminho à sua frente tornava-se reto. Isto vem nos ensinar que o Criador protege a toda momento, mesmo durante os maiores perigos.

Quando a pessoa abandona sua casa e sai para a *sucá*, durante sete dias, é como se ela anunciasse que está indo para a Casa de D’us. Habitar a *sucá* demonstra que o Todo-Poderoso não abandona Seus filhos mesmo nas horas mais difíceis, quando Sua Face está oculta e há um aumento do materialismo e da impureza.

Mesmo então, é possível encontrar um lugar onde há apenas santidade e onde é possível se manter à sombra do Eterno. É sempre possível manter a ligação com Ele, Que sempre ouve e atende os que clamam por Ele, aceita suas preces e os salva, em todos os momentos de aperto e de dificuldades. ■



Um Etrog Para Berditchev

Os yamim *noraim* (dias temíveis) passaram e eis que se aproximavam os dias de *Chag Hassucot*; um *chag* que é todo de alegria e possui muitas *mitsvot* que deleitam o coração dos *yehudim*. Dentre elas, *Arbaat Haminim* (as Quatro Espécies), a construção da *sucá*, seu embelezamento e a *mitsvá* de habitar nela.

Um vento fresco e agradável de outono soprava e trazia com ele a notícia de festividade que estava para chegar. Os *yehudim* de Berditchev ocupavam-se com muito empenho na construção de suas *sucot*. Sons de serrote e pancadas de martelo vinham de todos os lados da cidade.

Apesar da alegria que pairava no coração de todos, uma nuvem de preocupação cobria os seus rostos. Faltavam dois dias para o *chag* e em toda a Berditchev não havia sequer um *etrog*. Sem ele não seria possível cumprir a *mitsvá* e fazer a *berachá* do *lulav*. Os muitos mensageiros que foram enviados para diversas cidades para conseguir *etroguim*, voltaram de mãos vazias. Foi um ano difícil para os que cultivavam *etroguim*. Somente alguns *etroguim keshirim* foram colhidos e estes logo foram comprados pelos ricos das grandes cidades por preços altíssimos.

Já era *êrev Sucot*. O *tsadic Rabi* Levi Yitschac e toda a comunidade aguardavam impacientes por um

etrog, porém nem sinal dele. *Rabi* Levi Yitschac mandou seus discípulos irem para as encruzilhadas das estradas, pois quem sabe encontrariam um homem carregando um *etrog*. Os discípulos fizeram conforme seu *rav* ordenou e eis que alguns deles viram de longe uma bela carruagem que se aproximava. Quando chegou perto, notaram que dentro dela havia um comerciante *yehudi* honrado e de belo semblante. Dirigiram-se a ele e perguntaram-lhe:

– “Será que você tem um *etrog*?”

– “Sim”, respondeu o comerciante.

“Louvado seja D’us! Este ano eu consegui um *etrog* muito belo”.

Porém, para a frustração dos alunos, contou-lhes o comerciante, que ele morava na cidade de Djitomir e que estava apressado para chegar em casa antes de começar o *chag*. Depois de muitas tentativas de persuasão, o homem concordou em ir com eles para Berditchev – para a casa do *Rabi* Levi Yitschac. Chegando lá, o *Rabi* insistiu que o homem festejasse com eles o *Chag Hassucot* em Berditchev, para que ele possibilitasse que toda a cidade pudesse cumprir a *mitsvá* com o *etrog*. Porém o comerciante não concordou. Preferia seguir seu caminho para a sua casa.

– “Se você concordar com minha oferta – disse *Rabi* Levi Yitschac para o comerciante – eu lhe garanto riqueza e filhos”.

– “*Baruch Hashem* eu tenho riqueza e filhos”, disse o homem.

O *Rabi* disse então para o comerciante:

– “Se você aceitar o meu pedido, eu lhe garanto que você ficará junto de mim no Mundo Vindouro”.

Assim que o comerciante ouviu estas palavras, concordou imediatamente em ficar em Berditchev nos dias do *chag*. Pouco antes do *chag*, *Rabi Levi* ordenou através de seus discípulos, a todos os *yehudim* da cidade, que não permitissem que aquele comerciante entrasse em suas *sucot*. O aviso do *tsadic* soou aos ouvidos de todos como uma charada. Qual seria o pecado desse homem? Porém, todos obedeceram, pois sabiam que havia algum motivo para o *Rabi* tomar essa atitude.

Ao cair da noite de *Sucot*, o nosso amigo comerciante voltou do *bêt hakenésset* para a estalagem onde estava hospedado e ficou muito espantado ao ver que prepararam para ele, dentro de casa, vinho para o *Kidush*, velas, *chalot* e uma mesa posta.

O comerciante ficou surpreso: “Será que o dono da estalagem não tinha uma *sucá kesherá?*”, pensou ele.

Saiu para o quintal e encontrou uma linda *sucá* construída conforme a *halachá* e os familiares do estalajadeiro sentados ao redor da mesa. O

comerciante pediu para também entrar na *sucá*, porém o dono da casa explicou-lhe, com muito pesar, que por uma razão obscura, ele não podia permitir que o seu hóspede entrasse na sua *sucá*. O comerciante admirou-se e não entendeu o que estava acontecendo. Afinal, há poucas horas, o dono da estalagem honrou-o e de repente, ele o repele e não permite que entre em sua *sucá!*

Sem escolha, o comerciante bateu na porta de outra *sucá* e novamente deparou-se com a mesma situação: de jeito nenhum deixariam-no entrar. O comerciante implorou que ao menos lhe dissessem a razão. O homem compadeceu-se e contou-lhe que era uma ordem do *Rabi Levi Yitschac*. Imediatamente o comerciante correu em pânico para a casa do *tsadic*.

– “Por favor, *Rabi*” – suplicou o homem chorando – “Diga-me no que pequei, pois que você ordenou para todos os *yehudim* da cidade que não permitissem a minha entrada em suas *sucot?*!”.

Rabi Levi respondeu:

– “Se você abrir mão da promessa que eu fiz relacionada ao *Olam Habá*, imediatamente o receberei na minha *sucá*”.

O comerciante não sabia o que escolher. Vários pensamentos passavam por sua mente: O que é preferível? A

garantia do *tsadic* para o Mundo Vindouro ou cumprir a *mitsvá* de sentar-se na *sucá?*

Depois de muito pensar, decidi com seus botões: “A *mitsvá* da *sucá* eu não vou perder por nada nesse mundo! Será possível que todos os *yehudim* vão sentar nas *sucot* e eu vou comer dentro de casa?! Não! Isso não irá acontecer!”.

– “*Rabi!*” – disse o homem convicto – “Eu abro mão da sua promessa, contanto que possa cumprir a *mitsvá* da *sucá!*”.

O comerciante deu a mão ao *tsadic*, num gesto que simboliza a anulação da promessa.

Imediatamente, o *Rabi Levi Yitschac* recebeu-o em sua *sucá* e o colocou ao seu lado na cabeceira da mesa.

– “Meu filho, agora eu lhe restituo minha promessa, para lhe mostrar que eu não queria que você ficasse comigo no *Gan Êden* por intermédio de uma negociata. Eu queria que você fosse merecedor disso pelos seus próprios atos. Por isso, procedi dessa maneira. Para lhe pôr à prova na *mitsvá* da *sucá*. Agora, você passou pela prova com dedicação. Você até estava disposto a ceder sua recompensa no Mundo Vindouro para cumprir a *mitsvá* da *sucá*. Agora sim, você realmente merece ficar ao meu lado no Mundo Vindouro”.

Pensamentos

Não tenha medo de seguir devagar,
mas sim de permanecer parado.

Não podemos fazer tudo imediatamente,
mas podemos fazer alguma coisa já!

Não sabendo que era impossível, ele foi lá e fez!

Saber e não fazer ainda é não saber.

Não é possível voltar atrás e fazer um novo começo,
mas é possível começar agora e fazer um novo fim.

A má notícia é que o tempo voa.
A boa notícia é que você é o piloto!

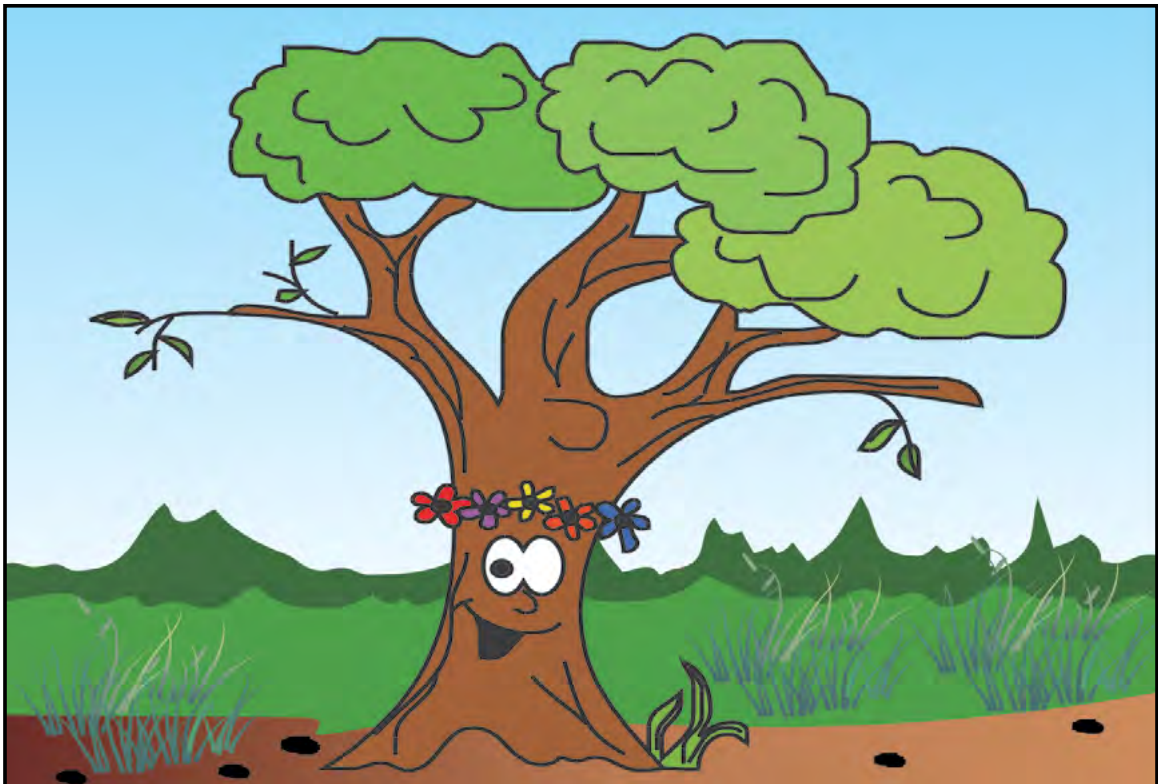
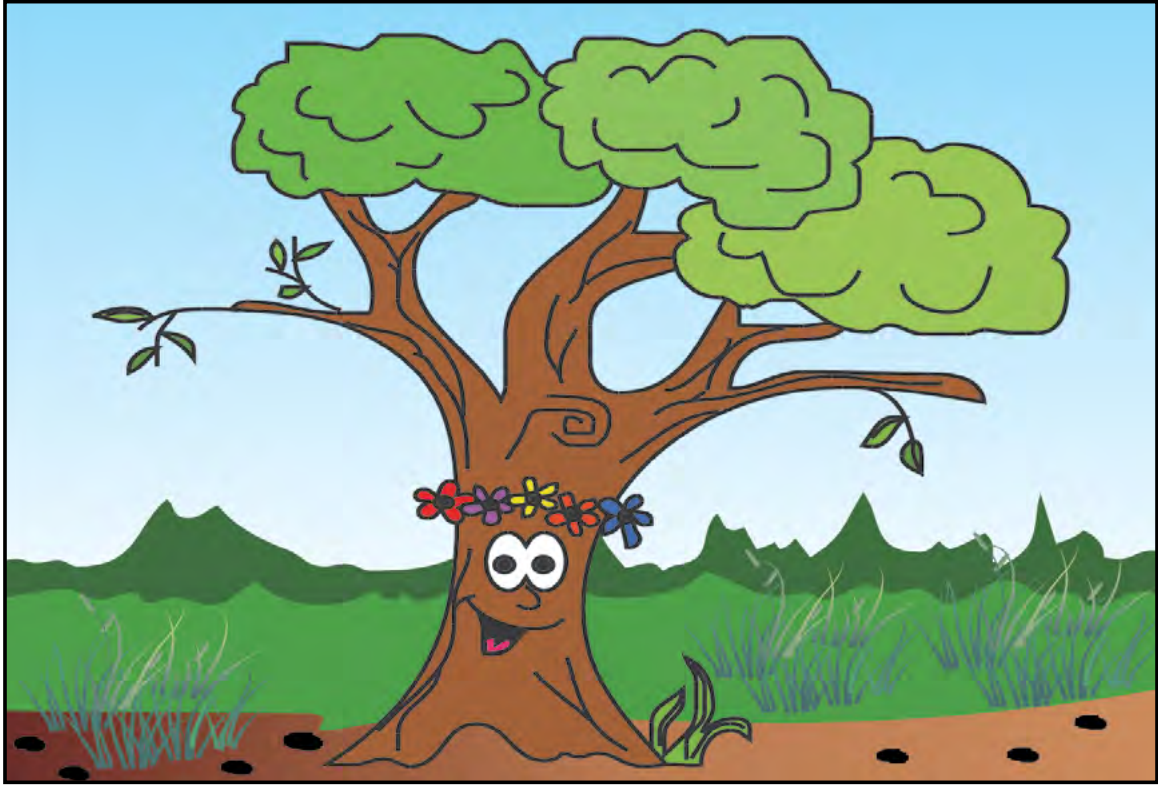
HOPE[®]

Deseja

Shaná Tová Umtucá
Feliz 5784



7 JOGO DOS ERROS





CAMESA

a cara da sua casa

PARABENIZAMOS A CONGREGAÇÃO
PELA DIVULGAÇÃO DOS VALORES JUDAICOS

SAC: 11 2431 5000

www.camesa.com.br

[f camesa.ltda](https://www.facebook.com/camesa.ltda)

[@camesaoficial](https://www.instagram.com/camesaoficial)

Para Colorir

Ajudando os Pobres



1. Onde está a letra “C” ?

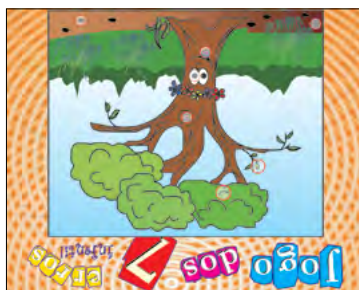
AGULHA NO PALHEIRO

Você consegue resolver estes dois testes em menos de 30 segundos?

2. Onde está o número 6 ?

LABIRINTO

Respostas:



HM

Hecho por Mi
Costura - Crochê

Kissuim Imperdíveis!

Garanta já os seus!

Telefone: 94168-5077

ROSH CHÔDESH

Quinta e sexta-feira, dias 17 e 18 de agosto.

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera.

Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.

Acrescenta-se Halel Bedilug em Shachrit.

Acrescenta-se Mussaf.

SELICHOT - PRIMEIRO DIA

Sefaradim: Sábado, após o meio da noite, 20 de agosto.

Ashkenazim: domingo, 10 de setembro (no primeiro dia, costumam recitar selichot a partir de chatsot, o meio da noite de sábado)

BIRCAT HALEVANÁ PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA

Início (conforme costume sefaradi): Quarta, 23 de agosto, a partir das 18h20m (horário para São Paulo).

Final: Quinta-feira, 31 de agosto, até as 05h11m (em São Paulo).



ROSH HASHANÁ

Sábado e Domingo, 16 e 17 de setembro.

Os dois dias de Rosh Hashaná são dias de julgamento, quando a sorte dos seres humanos é decidida para a vida, saúde, bom sustento e alegria ou, D'us nos livre, para o contrário.

Nestes dois dias, a Torá nos ordena ouvir os toques do shofar (chifre de carneiro) a fim de despertar-nos do nosso sono, da nossa indiferença e fazer-nos voltar ao caminho de D'us.

Este ano não se toca o shofar no primeiro dia de Rosh Hashaná por coincidir com o Shabat.

Há quem costume fazer a oração de Tashlich após minchá do primeiro dia e há quem a postergue para o segundo dia.

JEJUM – TSOM GUEDALYÁ

Segunda-feira, 18 de setembro.

Início: 4h49m - Término: 18h29m. O governador Guedalyá, filho de Achicam, foi morto, o que marcou a extinção da “última brasa” judaica em Israel e levou ao exílio.

SHABAT SHUVA

Dia 23 de Setembro.

O Shabat entre Rosh Hashaná e Yom Kipur, no qual se lê uma haftará especial – Shuva Yisrael.

BIRCAT HALEVANÁ

PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA

Início (conforme costume sefaradi):

Madrugada de sexta-feira, dia 22 de setembro, a partir das 00h49m (horário para São Paulo).

Final: Sexta-feira, dia 29 de setembro até às 19h11m.

VÉSPERA DE YOM KIPUR

Domingo, dia 24 de Setembro.

Não se recita Tachanun em Shachrit e Minchá.

YOM KIPUR

Segunda-feira, dia 25 de setembro.

Início: Domingo, 24 de setembro, às 17h43m.

Término: Segunda-feira, 25 de Setembro, às 18h43m.

Este dia sagrado foi destinado ao perdão e purificação do Povo de Israel. Devemos nos empenhar em fazer teshuvá a fim de merecermos a misericórdia Divina.

Todos os judeus, homens a partir de treze anos e mulheres a partir de doze anos, são obrigados a jejuar neste dia – desde vinte minutos antes do pôr-do-sol da véspera, até depois do aparecimento das estrelas da noite seguinte – e guardar a santidade do dia, cujos preceitos são iguais aos do Shabat, além de abster-se de:

- Comer e beber (qualquer quantidade). O doente deve consultar um rabino sobre a maneira de alimentar-se.
- Calçar sapatos de couro (os de borracha, tecido ou plástico são permitidos).
- Usar cosméticos, perfumes e untar-se com óleos ou cremes.
- Lavar-se (exceto partes do corpo que ficam sujas).
- Manter relações conjugais.

A partir de Yom Kipur, até o fim do mês, não se fala Tachanun.

SUCOT

De Sábado, 30 de Setembro, até Sexta-feira, 06 de outubro.

A Torá nos ordena transferir nossa residência nos sete dias de Sucot para uma morada provisória, coberta de folhagens. Esta cabana precisa ser construída ao ar livre, debaixo do céu, e ter, ao menos, três paredes de no mínimo 1 metro de altura. Outro mandamento de Sucot é segurar os arbaát haminim (as quatro espécies) todos os dias, exceto Shabat.

Yamim Tovim - os dois primeiros dias: Sábado e Domingo, 30 de setembro e 01 de outubro.

Chol Hamoed - os dias intermediários: 02 a 05 de outubro.

Hashaná Rabá - Sexta-feira, 06 de outubro.

Na noite de Hoshaná Rabá, quinta-feira, dia 05 de outubro, e madrugada do dia 06, costuma-se ficar acordado estudando o "ticun" dedicado a este dia.

No Shachrit, costuma-se dar sete voltas ao redor da bimá segurando os arbaát haminim e acrescenta-se partes específicas na tefilá, conforme consta no machzor.

SHEMINI ATSÊRET E SIMCHAT TORÁ

Yamim Tovim - Sábado e Domingo, 07 e 08 de outubro.

Shemini Atsêret é um yom tov independente de Sucot. Nas duas noites de Shemini Atsêret, 06 e 07 de outubro, deve-se recitar Shehecheyánu no Kidush. Fora de Êrets Yisrael senta-se na sucá durante todo o primeiro dia de

Shemini Atsêret, porém não se faz a berachá de Leshev Bassucá. A partir de Mussaf do primeiro dia de Shemini Atsêret começa-se a recitar mashiv harúach nas Amidot.

No segundo dia de Shemini Atsêret, denominado Simchat Torá, não se pode mais sentar na sucá.

Em Simchat Torá, 08 de outubro, termina-se e recomeça-se imediatamente a leitura da Torá.

Isto é comemorado fazendo-se as hacafot, voltas em torno da bimá, segurando a Torá e dançando com grande alegria no dia e na véspera.

MASHIV HARÚACH

Dia 07 de outubro.

Começa-se a recitar mashiv harúach nas Amidot a partir de Mussaf do primeiro dia de Shemini Atsêret.

Cheshvan ⁵⁷⁸⁴ | 16 de Outubro de 2023 a
13 de Novembro de 2023

ROSH CHÔDESH

Domingo e segunda-feira, dias 15 e 16 de outubro.

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera. Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.

Acrescenta-se Hallel Bedilug em Shachrit. Acrescenta-se Mussaf.

BIRCAT HALEVANÁ PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA

Início (conforme costume sefaradi): Sábado, dia 21 de outubro, a partir das 18h54m (horário para São Paulo).

Final: Domingo, 29 de outubro, até as 04h12m (em São Paulo).

HORÁRIO DE ACENDER AS VELAS DE SHABAT E YOM TOV EM SÃO PAULO

01 de setembro - 17h36m	07 de outubro - a partir de 18h48m
08 de setembro - 17h38m	13 de outubro - 17h50m
15 de setembro - 17h40m	20 de outubro - 17h53m
16 de setembro - a partir de 18h40m	27 de outubro - 17h57m
22 de setembro - 17h42m	03 de novembro - 18h01m
24 de setembro - 17h43m	10 de novembro - 18h05m
29 de setembro - 17h45m	17 de novembro - 18h10m
30 de setembro - a partir de 18h45m	24 de novembro - 18h15m
06 de outubro - 17h47m	01 de dezembro - 18h20m

PARASHAT HASHAVUA

02 de setembro -	Parashat: Ki Tavô Haftará: Cúmi Ôri
09 de setembro -	Parashat: Nitsavim / Vayêlech Haftará: Sôs Assís
16 de setembro -	Parashat: Vashem Pacad Et Sará (Rosh Hashaná) Haftará: Vayhi Ish Echad
23 de setembro -	Parashat: Haazínu Haftará: Shuva Yisrael
30 de setembro -	Parashat: Shor o Cheshev (Sucot) Haftará: Hinê Yom Bá Lashem
07 de outubro -	Parashat: Asser Teasser (Shemini Atsêret) Haftará: Vayhi Kechalot Shelomô
14 de outubro -	Parashat: Bereshit Haftará: Côm Amar Hakel
21 de outubro -	Parashat: Noach Haftará: Roni Acará
28 de outubro -	Parashat: Lech-Lechá Haftará: Lama Tomar Yaacov
04 de novembro -	Parashat: Vayerá Haftará: Veishá Achat
11 de novembro -	Parashat: Chayê Sará Haftará: Vehamêlech David Zaken
18 de novembro -	Parashat: Toledot Haftará: Massá Devar Hashem

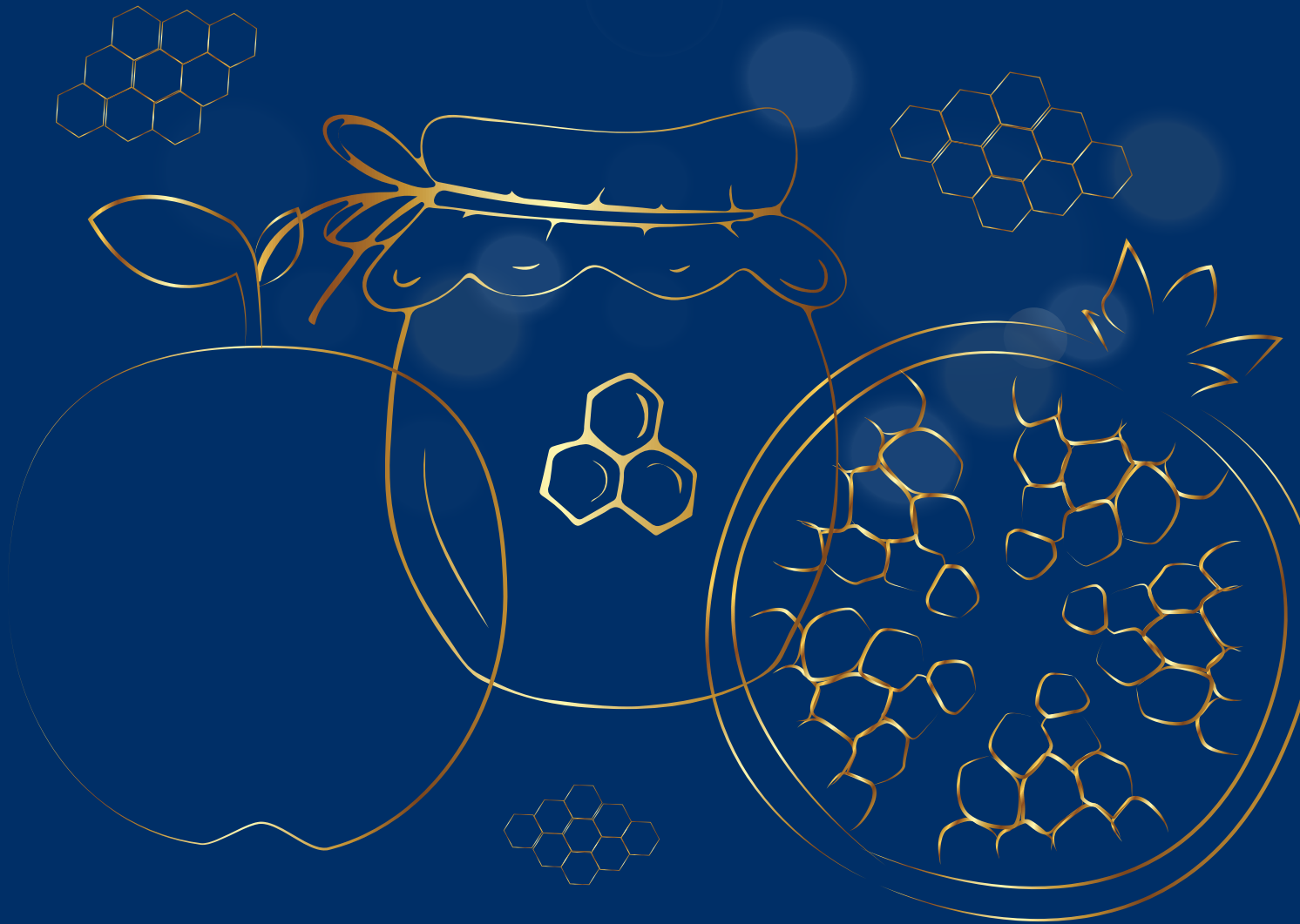
HORÁRIO DAS TEFILOT

Shachrit: De segunda a sexta-feira - 20 min. antes do nascer do Sol (vatikin),

06h20m (Midrash Shelomô Khafif), 06h50m (Zechut Avot), 07h00m (ashkenazim) e 07h15m (Ôhel Moshê).

Aos sábados - 07h30m (Colel), 08h00m (principal), 08h20m (Zechut Avot), 08h20m (infanto-juvenil) e 08h45m (ashkenazim).

Aos domingos e feriados - 20 min. antes do nascer do Sol, 07h30m, 08h10m e 08h30m.



O Banco Daycoval deseja a todos

Shaná Tová Umetuká

Que este ano 5784 seja um ano doce,
repleto de alegria, paz e realizações.

São os votos de quem
faz história com você!

Banco
Daycoval

As famílias Cohab e Douer
desejam Shana Tová para toda a comunidade!



 **Bank Cainvest**

www.cainvest.com